

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

A vida e as aventuras do Papai Noel (Livro em Capítulos)

Capítulo 1: Burzee

Você já ouviu falar da grande Floresta de Burzee? A governanta costumava cantar sobre ela quando eu era criança. Ela cantava sobre os grandes troncos de árvores, que ficavam bem próximos uns dos outros, com suas raízes entrelaçadas abaixo da terra e seus galhos entrelaçados acima dela; sobre sua casca áspera e seus galhos tortuosos; sobre a folhagem espessa que cobria toda a floresta, exceto onde os raios de sol encontravam um caminho por onde podiam tocar o solo em pequenos pontos e lançar sombras estranhas e curiosas sobre os musgos, líquenes e as pilhas de folhas secas.

A Floresta de Burzee é poderosa, grandiosa e impressionante para aqueles que se escondem à sombra dela. Vindo dos campos iluminados pelo sol e entrando em seus labirintos, parece, a princípio, sombria, depois agradável, e, mais tarde, repleta de delícias intermináveis.



Por centenas de anos, ela floresceu em toda sua magnificência, com o silêncio de seu interior quebrado apenas pelo piar dos esquilos, o rosnar das feras selvagens e o canto dos pássaros.

No entanto, Burzee tem seus habitantes — apesar de tudo isso. A natureza a povoou, no começo, com fadas, Knooks, Ryls e Ninfas. Enquanto a Floresta existir, ela será um lar, um refúgio e um playground para esses doces imortais, que se deleitam, imperturbados, em suas profundezas.

A civilização ainda nunca alcançou Burzee. Será que algum dia alcançará, fico me perguntando?

Capítulo 2: A Criança da Floresta

Há muito tempo, tão distante que nossos bisavós mal poderiam tê-lo ouvido mencionar, vivia, dentro da grande Floresta de Burzee, uma ninfa da madeira chamada Necile. Ela era intimamente ligada à poderosa Rainha Zurline, e sua casa ficava sob a sombra de um carvalho de grandes proporções. Uma vez por ano, no Dia das Brotações, quando as árvores começavam a lançar seus novos brotos, Necile levava o Cálice Dourado de Ak até os lábios da Rainha, que bebia dele para a prosperidade da Floresta. Assim, perceba, ela era uma ninfa de certa importância e, além disso, diz-se que era muito apreciada por sua beleza e graça.

Quando foi criada, ela não poderia ter dito; a Rainha Zurline não poderia ter dito; o grande Ak, ele mesmo, não poderia ter dito. Foi há muito tempo, quando o

mundo ainda era novo e as ninfas eram necessárias para proteger as florestas e atender às necessidades das árvores jovens. Então, em algum dia que já não se lembra, Necile surgiu; radiante, linda, reta e esguia como o broto que ela foi criada para proteger.

Seus cabelos tinham a cor da casca de uma noz; seus olhos eram azuis à luz do sol e roxos na sombra; suas bochechas floresciam com o leve rosa que contorna as nuvens ao entardecer; seus lábios eram vermelhos, carnudos, protuberantes e doces. Seu traje era verde, a cor das folhas de carvalho; todas as ninfas da madeira se vestem dessa cor e não conhecem outra mais desejável. Seus delicados pés usavam sandálias, enquanto sua cabeça ficava descoberta, sem outro adorno a não ser seus fios de seda.

Os deveres de Necile eram poucos e simples. Ela impedia que ervas daninhas crescessem sob suas árvores e roubassem a comida da terra necessária às suas protegidas. Afugentava os Gadgols, que se deliciavam em voar contra os troncos das árvores e feri-los, de modo que as árvores murchavam e morriam pelo contato venenoso. Nas estações secas, ela levava água dos riachos e poços e umedecia as raízes de suas dependentes sedentas.

Isso foi no início. As ervas daninhas agora haviam aprendido a evitar as florestas onde as ninfas da madeira habitavam; os repulsivos Gadgols já não ousavam se aproximar; as árvores haviam se tornado antigas e robustas, capazes de suportar melhor a seca do que quando eram apenas brotos. Então, os deveres de Necile diminuíram, e o tempo começou a passar

lentamente, enquanto os anos seguintes se tornavam mais cansativos e sem eventos do que o espírito alegre da ninfa gostava.

Certamente, os habitantes da floresta não careciam de diversão. A cada lua cheia, dançavam no Círculo Real da Rainha. Havia também a Festa das Nozes, o Jubileu dos Tons de Outono, a solenemente cerimônia da Queda das Folhas e as festividades do Dia das Brotações. Mas esses períodos de diversão eram bem distantes, deixando muitas horas cansativas entre eles.

Que uma ninfa da madeira ficasse descontente não era algo imaginado pelas irmãs de Necile. Isso aconteceu com ela apenas depois de muitos anos de reflexão. Mas, uma vez que ela havia decidido em sua mente que a vida era enfadonha, ela não teve paciência com sua condição e ansiava fazer algo realmente interessante, viver seus dias de maneira que as ninfas da floresta nunca haviam sonhado. Somente a Lei da Floresta a impedia de sair em busca de aventuras.

Enquanto esse sentimento pesava sobre a bonita Necile, aconteceu que o grande Ak visitou a Floresta de Burzee e permitiu que as ninfas da madeira, como de costume, se deitassem aos seus pés e ouvissem as palavras de sabedoria que saíam de seus lábios. Ak é o Mestre Lenhador do mundo; ele vê tudo e sabe mais do que os filhos dos homens.

Naquela noite, ele segurava a mão da Rainha, pois amava as ninfas como um pai ama seus filhos; e Necile estava deitada aos seus pés com muitas de suas irmãs, ouvindo atentamente enquanto ele falava.

— Vivemos tão felizes, minhas lindas, em nossos bosques — disse Ak, acariciando sua barba grisalha pensativamente — que não sabemos nada sobre a dor e a miséria que caem sobre o destino daqueles pobres mortais que habitam as terras abertas da Terra. Eles não são da nossa raça, é verdade, mas a compaixão fica bem em seres tão favorecidos como nós. Muitas vezes, ao passar pela morada de algum mortal sofredor, sou tentado a parar e banir a miséria do pobre ser. No entanto, o sofrimento, em moderação, é o destino natural dos mortais, e não é nosso lugar interferir nas leis da Natureza.

— No entanto — disse a bela Rainha, assentindo com a cabeça dourada para o Mestre Lenhador —, não seria uma suposição vã que Ak tenha ajudado esses desamparados mortais.

Ak sorriu.

— Às vezes — respondeu ele —, quando são muito pequenos, 'crianças', como os mortais os chamam, eu parei para resgatá-los da miséria. Os homens e as mulheres eu não ousou interferir; eles devem suportar os fardos que a Natureza impôs sobre eles. Mas os bebês indefesos, as inocentes crianças dos homens, têm o direito de ser felizes até se tornarem adultos e capazes de suportar as provações da humanidade. Por isso, sinto-me justificado em ajudá-los. Não muito tempo atrás, um ano, talvez, encontrei quatro pobres crianças encolhidas em uma cabana de madeira, congelando lentamente até a morte. Seus pais haviam ido a uma vila vizinha procurar comida e deixaram um fogo aceso para aquecer os pequenos enquanto estivessem ausentes. Mas uma

tempestade surgiu e cobriu a estrada com neve, tornando a viagem muito longa. Enquanto isso, o fogo se apagou e o frio se infiltrou nos ossos das crianças esperando.

— Pobres coitadinhos! — murmurou a Rainha suavemente.

— O que você fez?

— Chamei Nelko, mandando que ele trouxesse madeira das minhas florestas e a aquecesse até o fogo reacender, aquecendo a pequena sala onde as crianças estavam. Então elas pararam de tremer e adormeceram até que os pais retornassem.

— Fico feliz que tenha feito isso — disse a boa Rainha, sorrindo para o Mestre; e Necile, que ouvira ansiosamente cada palavra, ecoou em um sussurro:

— Eu também fico feliz!

— E nesta noite — continuou Ak —, quando cheguei à borda de Burzee, ouvi um fraco choro, que julguei vir de um bebê humano. Olhei ao redor e encontrei, perto da



floresta, um bebê indefeso, completamente nu, deitado sobre a grama e chorando angustiada. Não muito longe, escondida pela floresta, estava Shiegra, a leoa, pronta para devorar o bebê em sua refeição noturna.

— E o que você fez, Ak? — perguntou a Rainha, sem fôlego.

— Não fiz muito, pois estava apressado para cumprimentar minhas ninfas. Mas ordenei que Shiegra se deitasse perto do bebê e lhe desse seu leite para

acalmar sua fome. E mandei que ela enviasse uma mensagem por toda a floresta, para que todas as feras e répteis soubessem que a criança não deveria ser ferida.

— Fico feliz por você ter feito isso — disse novamente a boa Rainha, com um tom de alívio; mas dessa vez Necile não repetiu suas palavras, pois a ninfa, tomada por uma estranha determinação, havia se afastado furtivamente do grupo.

Sua forma ágil deslizou rapidamente pelos caminhos da floresta até que ela alcançou a borda da poderosa Burzee, onde parou para olhar curiosa ao redor. Nunca antes ela havia se aventurado tão longe, pois a Lei da Floresta havia colocado as ninfas em seus recônditos mais profundos.

Necile sabia que estava quebrando a Lei, mas o pensamento não fez suas delicadas pernas hesitarem. Ela havia decidido ver com seus próprios olhos o bebê de que Ak falara, pois nunca antes havia visto uma criança humana. Todos os imortais são adultos; entre eles, não há crianças. Espiando pelas árvores, Necile viu o bebê deitado na grama. Mas agora ele dormia tranquilamente, tendo sido confortado pelo leite de Shiegra. Não era velho o suficiente para saber o que é perigo; se não sentisse fome, estava contente.

Silenciosamente, a ninfa se aproximou do lado do bebê e se ajoelhou na relva, sua longa túnica cor-de-rosa espalhando-se ao seu redor como uma nuvem de seda. Seu lindo rosto expressava curiosidade e surpresa, mas, acima de tudo, uma ternura feminina. O bebê era recém-nascido, gorducho e corado. Estava completamente

indefeso. Enquanto a ninfa o observava, o pequeno abriu os olhos, sorriu para ela e estendeu os dois bracinhos rechonchudos. Em um instante, Necile o pegou em seus braços e se apressou com ele pelos caminhos da floresta.

Capítulo 3: A Adoção

O Mestre Lenhador levantou-se de repente, com as sobrancelhas franzidas.

— Há uma presença estranha na Floresta — declarou ele. Então, a Rainha e suas ninfas se viraram e viram, diante delas, Necile, com o bebê adormecido apertado em seus braços e um olhar desafiador nos profundos olhos azuis. E assim ficaram por um momento, as ninfas cheias de surpresa e consternação, mas a testa do Mestre Lenhador foi gradualmente se desanuviando enquanto ele olhava atentamente para a bela imortal que havia desobedecido a Lei. Então, o grande Ak, para a surpresa de todos, colocou suavemente sua mão sobre os longos cabelos de Necile e a beijou na testa.

— Pela primeira vez, dentro do meu conhecimento — disse ele, suavemente — uma ninfa me desafiou e desrespeitou minhas leis; ainda assim, em meu coração não encontro palavras de repreensão. Qual é o seu desejo, Necile?

— Deixe-me cuidar da criança! — ela respondeu, começando a tremer e caindo de joelhos em súplica.

— Aqui, na Floresta de Burzee, onde a raça humana nunca penetrou? — questionou Ak.

— Aqui, na Floresta de Burzee — respondeu a ninfa, corajosamente. — É a minha casa, e estou cansada pela falta de ocupação. Deixe-me cuidar do bebê! Veja como ele é fraco e indefeso. Com certeza, ele não pode prejudicar Burzee nem o Mestre Lenhador do Mundo!

— Mas a Lei, minha filha, a Lei! — exclamou Ak, severamente.

— A Lei é feita pelo Mestre Lenhador — respondeu Necile — se ele me manda cuidar do bebê que ele mesmo salvou da morte, quem no mundo inteiro ousaria se opor a mim?

A Rainha Zurline, que ouvira atentamente a conversa, bateu as mãos delicadas alegremente pela resposta da ninfa.

— Você está completamente encurralado, Ak! — exclamou ela, rindo. — Agora, peço-lhe que atenda ao pedido de Necile.

O Lenhador, como era seu hábito quando pensava, passou devagar a mão pela sua barba grisalha. Então disse:

— Ela ficará com o bebê, e eu darei minha proteção a ele. Mas aviso a todos que, como esta é a primeira vez que relaxo a Lei, também será a última. Nunca mais, até o fim do Mundo, um mortal será adotado por um imortal. Caso contrário, abandonaríamos nossa existência feliz por uma de problemas e ansiedades. Boa noite, minhas ninfas!



Então Ak desapareceu do meio delas, e Necile correu para o seu abrigo para se alegrar com seu novo tesouro.

Capítulo 4: Noel

Outro dia amanheceu, e o refúgio de Necile era o lugar mais popular da Floresta. As ninfas se reuniam ao redor dela e da criança que dormia em seu colo, com expressões de curiosidade e encantamento. Não faltaram elogios à bondade do grande Ak por permitir que Necile ficasse com o bebê e cuidasse dele. Até mesmo a Rainha veio espiar o rostinho inocente da criança e segurar um punho gordinho e indefeso com sua delicada mão.

— Como vamos chamá-lo, Necile? — perguntou ela, sorrindo. — Ele precisa de um nome, você sabe.

— Que se chame Noel — respondeu Necile — pois significa “pequeno”.

— Melhor que se chame Nenoel — replicou a Rainha — assim significará “o pequeno de Necile”.

As ninfas bateram palmas de alegria, e Nenoel tornou-se o nome do bebê, embora Necile preferisse chamá-lo apenas de Noel, e com o tempo, muitas de suas irmãs seguiram seu exemplo.

Necile reuniu os musgos mais macios de toda a floresta para que Noel pudesse se deitar, e preparou sua cama em seu próprio refúgio. De alimento, o bebê não teve falta. As ninfas vasculhavam a floresta em busca das “tetas-de-sino”, que crescem na árvore goa e, ao serem abertas, estão cheias de leite doce. As cervas, de olhos meigos, também doavam de bom grado parte de seu leite para sustentar o pequeno forasteiro, enquanto Shiegra, a

leoa, muitas vezes rastejava silenciosamente até o abrigo de Necile, ronronava suavemente ao deitar-se ao lado do bebê e o alimentava.

Assim, o pequeno prosperava e crescia forte e saudável a cada dia, enquanto Necile lhe ensinava a falar, a andar e a brincar.

Seus pensamentos e palavras eram doces e gentis, pois as ninfas não conheciam o mal e seus corações eram puros e amorosos. Ele tornou-se o queridinho da floresta, pois o decreto de Ak proibia qualquer animal ou réptil de lhe fazer mal, e ele andava destemidamente por onde sua vontade o levasse.

Logo a notícia se espalhou entre os outros imortais: as ninfas de Burzee haviam adotado um bebê humano, e o ato fora aprovado pelo grande Ak. Por isso, muitos vieram visitar o pequeno forasteiro, observando-o com grande interesse. Primeiro vieram os Ryls, que são primos das ninfas da floresta, embora tenham formas bem diferentes. Os Ryls têm a missão de cuidar das flores e plantas, enquanto as ninfas cuidam das árvores da floresta. Eles percorrem o vasto mundo em busca do alimento necessário às raízes das plantas floridas, e as cores vibrantes das flores maduras vêm dos corantes colocados no solo pelos Ryls, absorvidos pelas pequenas veias nas raízes e no corpo das plantas à medida que elas crescem. Os Ryls são um povo muito ocupado, pois suas flores florescem e murcham constantemente, mas são alegres, de coração leve, e muito queridos entre os demais imortais.

Depois vieram os Knooks, cuja tarefa é zelar pelos animais do mundo, tanto os mansos quanto os selvagens.

Os Knooks enfrentam muitas dificuldades, pois muitos animais são indomáveis e resistem a qualquer tipo de controle. Ainda assim, sabem como lidar com eles, e certas leis dos Knooks são obedecidas até mesmo pelas criaturas mais ferozes. Suas preocupações constantes fazem com que os Knooks pareçam velhos, cansados e encurvados, e suas naturezas tornaram-se um pouco ásperas devido à convivência contínua com animais selvagens; mesmo assim, são extremamente úteis à humanidade e ao mundo em geral, pois suas leis são as únicas que os animais da floresta reconhecem além das do Mestre Lenhador.

Vieram também as Fadas, guardiãs da humanidade, muito interessadas na adoção de

Noel, pois suas próprias leis as proibiam de se envolver com os humanos que protegiam. Há registros de ocasiões em que fadas apareceram a seres humanos e até conversaram com eles; no entanto, sua função é proteger as vidas dos mortais de forma invisível e desconhecida. Se demonstram mais afeição por uns do que



por outros, é porque esses conquistaram tal distinção com justiça, já que as fadas são muito corretas e imparciais. Mas a ideia de adotar uma criança humana jamais lhes ocorrera, pois era contrária a todas as suas regras; por isso, estavam intensamente curiosas para

conhecer o pequeno forasteiro adotado por Necile e suas irmãs ninfas.

Noel observava os imortais que se aglomeravam ao seu redor com olhos destemidos e lábios sorridentes.

Montava, rindo, nos ombros dos alegres Ryls; puxava travessamente as barbas grisalhas dos Knooks de testa baixa; repousava sua cabeça cacheada, com confiança, no delicado colo da própria Rainha das Fadas. E os Ryls amavam o som de sua risada; os Knooks, sua coragem; as Fadas, sua inocência.

O menino fez amizade com todos e aprendeu a conhecer intimamente suas leis. Nenhuma flor da floresta era esmagada sob seus pés, para não entristecer os amigáveis Ryls. Jamais perturbava os animais da floresta, para não enfurecer seus amigos Knooks. As Fadas ele amava profundamente, mas, por nada saber sobre a humanidade, não compreendia que era o único de sua espécie admitido a um convívio amigável com elas.

Na verdade, Noel passou a acreditar que ele, entre todo o povo da floresta, era o único sem igual, sem par. Para ele, a floresta era o mundo. Não fazia ideia de que existiam milhões de seres humanos, lutando e se esforçando na vastidão além das árvores.

E ele era feliz e satisfeito.

Capítulo 5: O Mestre Lenhador

Os anos passavam velozes em Burzee, pois as ninfas não tinham motivo algum para se preocupar com o tempo.

Mesmo os séculos não causavam mudança nas delicadas criaturas; eternamente permaneciam as mesmas — imortais e imutáveis.

Noel, no entanto, sendo mortal, crescia dia após dia até a idade adulta. Necile ficou inquieta ao perceber, com o tempo, que ele já estava grande demais para deitar em seu colo, e que começava a desejar outros alimentos além do leite. Suas pernas fortes o levavam para o interior do coração de Burzee, onde ele colhia nozes e frutas silvestres, além de várias raízes doces e saudáveis, que agradavam mais ao seu estômago do que os sininhos-de-leite. Ele passou a visitar cada vez menos o abrigo de Necile, até que finalmente se acostumou a voltar para lá apenas para dormir.

A ninfa, que havia passado a amá-lo ternamente, ficou confusa ao tentar compreender a mudança na natureza do menino que criara, e, sem perceber, adaptou seu próprio modo de vida para acompanhar os caprichos dele. Seguia-o com facilidade pelas trilhas da floresta, assim como muitas de suas irmãs ninfas, explicando, enquanto caminhavam, todos os mistérios da imensa mata e os hábitos e naturezas das criaturas que viviam sob sua sombra.

A linguagem dos animais tornou-se clara para o pequeno Noel; mas ele nunca conseguiu entender seus temperamentos ranzinzas e melancólicos. Somente os esquilos, os ratos e os coelhos pareciam possuir um espírito alegre e brincalhão; ainda assim, o menino ria quando a pantera rosnavava e acariciava o pelo brilhante do urso mesmo enquanto o animal rosnavava e exibia os dentes ameaçadoramente. Os rosnavados e ameaças não

eram dirigidos a Noel, ele sabia bem — então, por que se preocupar com eles?



Ele sabia cantar as canções das abelhas, recitar a poesia das flores da floresta e contar a história de cada coruja piscante de Burzee. Ajudava os Ryls a cuidar de suas plantas e os Knooks a manterem a ordem entre os animais. Os pequenos imortais o viam como alguém

privilegiado, sendo especialmente protegido pela Rainha Zurline e suas ninfas, e favorecido pelo grande Ak em pessoa.

Um dia, o Mestre dos Bosques retornou à floresta de Burzee. Ele havia visitado, um por um, todos os seus bosques pelo mundo — e eram muitos e vastos.

Só quando adentrou a clareira onde a Rainha e suas ninfas estavam reunidas para recebê-lo é que Ak se lembrou da criança que permitira a Necile adotar. Então, encontrou, sentado de modo familiar no círculo das encantadoras imortais, um jovem de ombros largos e porte forte, que, de pé, alcançava quase a altura do próprio Mestre.

Ak parou, em silêncio e com a testa franzida, e fixou seu olhar penetrante sobre Noel. Os olhos límpidos do rapaz encontraram os seus com firmeza, e o Guardiã dos Bosques suspirou aliviado ao ver a calma que havia neles e ao ler, em seu coração, a bravura e a inocência. Ainda assim, enquanto se sentava ao lado da bela

Rainha, e o cálice dourado, cheio de raro néctar, passava de lábio em lábio, o Mestre manteve-se estranhamente silencioso e reservado, alisando a barba repetidas vezes com um gesto pensativo.

Ao amanhecer, chamou Noel de lado, com gentileza, e disse:

— Despeça-se, por um tempo, de Necile e suas irmãs; pois tu me acompanharás em uma jornada pelo mundo. A proposta agradou a Noel, que sabia bem a honra que era ser companheiro do Mestre dos Bosques do mundo. Mas Necile chorou pela primeira vez em sua vida, e agarrou-se ao pescoço do rapaz como se não suportasse deixá-lo partir. A ninfa que havia criado aquele jovem robusto permanecia tão delicada, encantadora e bela quanto no dia em que ousara enfrentar Ak com o bebê apertado contra o peito; e seu amor por ele não era menor. Ak observou os dois abraçados, parecendo mais irmãos do que mãe e filho, e mais uma vez assumiu aquele olhar pensativo.

Capítulo 6: Calus Descobre a Humanidade

Levando Noel a uma pequena clareira na floresta, o Mestre disse:

— Coloque tua mão em meu cinturão e segure firme enquanto viajamos pelo ar; pois agora daremos a volta ao mundo e veremos muitos dos recantos dos homens dos quais descendes.

Essas palavras maravilharam Noel, pois até então acreditava ser o único de sua espécie sobre a terra; contudo, em silêncio, segurou com firmeza o cinturão do grande Ak, tão surpreso que mal conseguia falar. Então, a vasta floresta de Burzee pareceu sumir sob seus pés, e o jovem se viu passando velozmente pelo ar a grande altura.

Logo havia torres abaixo deles, e edifícios de muitas formas e cores surgiam à vista. Era uma cidade de homens, e Ak, fazendo uma pausa para descer, conduziu Noel ao seu interior. Disse o Mestre:

— Enquanto mantiver tua mão em meu cinturão, permanecerás invisível a toda a humanidade, embora vejas tudo com clareza. Soltar o cinturão será separar-se para sempre de mim e de teu lar em Burzee.

Uma das primeiras leis da Floresta é a obediência, e Noel sequer cogitou desobedecer ao desejo do Mestre. Agarrou-se firme ao cinturão e permaneceu invisível. A cada momento passado na cidade, sua admiração crescia. Aquele que supunha ter sido criado de maneira diferente de todos os outros, agora via a terra repleta de criaturas como ele.

— De fato — disse Ak — os imortais são poucos; mas os mortais são muitos.

Noel observava atentamente seus semelhantes. Havia rostos tristes, rostos alegres e inconsequentes, rostos agradáveis, ansiosos e bondosos, todos misturados em uma desordem confusa. Alguns executavam tarefas tediosas; outros desfilavam com arrogância; alguns eram pensativos e sérios, enquanto outros pareciam felizes e contentes. Homens de todas as naturezas estavam ali,

como em toda parte, e Noel via tanto o que lhe agradava quanto o que o entristecia.

Mas foi especialmente às crianças que ele prestou atenção — primeiro com curiosidade, depois com interesse, e enfim com ternura. Pequenos andrajosos rolavam na poeira das ruas, brincando com pedrinhas e restos. Outras crianças, vestidas com cores vivas, repousavam sobre almofadas e eram alimentadas com doces. No entanto, os filhos dos ricos não pareciam mais felizes do que os que brincavam com poeira e pedrinhas, assim pensava Noel.

— A infância é o tempo de maior contentamento do homem — disse Ak, acompanhando os pensamentos do jovem. — É durante esses anos de prazer inocente que os pequeninos estão mais livres de preocupações.

— Dize-me — perguntou Noel — por que nem todos esses bebês têm a mesma sorte?

— Porque nascem tanto em cabanas quanto em palácios — respondeu o Mestre. — A diferença na riqueza dos pais determina o destino da criança. Uns são bem cuidados e vestidos com sedas e linho delicado; outros são negligenciados e cobertos de trapos.

— Mas todos me parecem igualmente belos e doces — disse Noel, pensativo.

— Enquanto são bebês, sim — concordou Ak. — Sua alegria está em simplesmente viver, e não param para pensar. Com os anos, porém, o destino da humanidade os alcança, e descobrem que precisam lutar e se preocupar, trabalhar e se afligir para conquistar as riquezas que são tão caras ao coração dos homens. Tais coisas são desconhecidas na Floresta onde foste criado.

Noel permaneceu em silêncio por um momento. Então perguntou:

— Por que fui criado na floresta, entre seres que não são da minha raça?

Então Ak, com voz suave, contou-lhe a história de sua infância: como fora abandonado à beira da floresta e deixado à mercê das feras selvagens, e como a amorosa ninfa Necile o resgatara e o criara até a idade adulta sob a proteção dos imortais.

— E, no entanto, eu não sou um deles — disse Noel, meditativo.

— Não és — respondeu o Guardião dos Bosques. — A ninfa que te criou como mãe agora te parece uma irmã; e, com o tempo, quando estiveres velho e grisalho, ela te parecerá uma filha. Passado mais um breve intervalo, tu serás apenas uma lembrança, enquanto ela continuará a ser Necile.

— Então, por que, se o homem está destinado a perecer, ele nasce? — indagou o rapaz.

— Tudo perece, exceto o mundo e seus guardiões — respondeu Ak. — Mas enquanto a vida dura, tudo sobre a terra tem seu propósito. Os sábios procuram maneiras de ser úteis ao mundo, pois os que ajudam certamente viverão novamente.

Muito disso Noel não compreendeu plenamente, mas um anseio o tomou de ser útil aos seus semelhantes, e ele permaneceu sério e pensativo enquanto retomavam a jornada.

Visitaram muitas moradas de homens em muitas partes do mundo, observando lavradores em seus campos, guerreiros em batalhas cruéis, e mercadores trocando

bens por pedaços de metal branco e amarelo. E em toda parte os olhos de Noel buscavam as crianças, com amor e piedade, pois o pensamento de sua própria infância indefesa lhe era muito vívido, e ele ansiava ajudar os pequenos inocentes de sua raça, assim como fora ajudado pela bondosa ninfa.

Dia após dia, o Mestre dos Bosques e seu pupilo percorreram a terra, Ak falando pouco ao jovem que se mantinha firme ao cinturão, mas guiando-o por todos os lugares onde pudesse conhecer melhor a vida dos seres humanos.

E por fim retornaram à velha e grandiosa Floresta de Burzee, onde o Mestre colocou Noel de volta no círculo das ninfas, entre as quais a graciosa Necile o esperava ansiosamente.



A frente do grande Ak agora estava serena e tranquila; mas a de Noel tornara-se marcada por profundos pensamentos. Necile suspirou ao notar a mudança em seu filho de criação, que até então fora sempre alegre e sorridente, e pensou que jamais a vida do rapaz voltaria a ser a mesma depois dessa jornada marcante com o Mestre.

Capítulo 7: Noel Deixa a Floresta

Quando a boa Rainha Zurline tocou o cálice dourado com seus lábios delicados e este passou pelo círculo em

honra ao retorno dos viajantes, o Grande Mestre da Floresta, que ainda não havia falado, fixou seu olhar francamente sobre Noel e disse:

— Bem?

O menino entendeu, e se levantou lentamente ao lado de Necile. Apenas uma vez seus olhos passaram ao redor do familiar círculo das ninfas, cada uma das quais ele lembrava como uma amiga amorosa; mas lágrimas vieram sem que ele as chamasse, obscurecendo sua visão, de modo que ele passou a olhar firmemente para o Mestre.

— Fui ignorante — disse ele, de maneira simples — até que o grande Ak, em sua bondade, me ensinou quem e o que sou. Vocês, que vivem tão suavemente em suas moradas na floresta, sempre belas, jovens e inocentes, não são companheiras adequadas para um filho da humanidade. Pois eu vi os homens, e vi que estão fadados a viver por um curto tempo na terra, a lutar pelo que precisam, a envelhecer e então a partir, como as folhas no outono. Contudo, cada homem tem sua missão, que é deixar o mundo melhor, de algum modo, do que o encontrou. Eu sou da raça dos homens, e o destino dos homens é o meu destino. Pelo carinho que vocês me deram, por cuidarem do pobre bebê que fui, e pela amizade amorosa durante minha infância, meu coração se enche de gratidão. Minha mãe adotiva — aqui ele parou e beijou a testa branca de Necile — eu a amarei e a estarei ao lado enquanto a vida durar. Mas devo deixá-los para tomar parte na eterna luta à qual a humanidade está destinada, e viver a minha vida do meu próprio jeito.

— O que você fará? — perguntou a Rainha, com gravidade.

— Devo me dedicar ao cuidado das crianças da humanidade, e tentar fazer com que sejam felizes — respondeu ele. — Desde que o carinho que vocês tiveram por um bebê me trouxe felicidade e força, é justo e certo que eu dedique minha vida ao prazer de outros bebês. Assim, a memória da carinhosa ninfa Necile será plantada no coração de milhares da minha raça por muitos anos, e seu ato bondoso será contado em canções e histórias enquanto o mundo existir. Falei bem, ó Mestre?

— Você falou bem — respondeu Ak, e levantando-se, continuou: — Contudo, uma coisa não deve ser esquecida. Tendo sido adotado como filho da Floresta, e brincado entre as ninfas, você obteve uma distinção que o separa para sempre dos seus semelhantes. Portanto, quando você sair para o mundo dos homens, deverá manter a proteção da Floresta, e os poderes que agora possui permanecerão com você para ajudá-lo em suas tarefas. Em qualquer necessidade, você poderá chamar pelas Ninfas, pelos Ryls, pelos Knooks e pelas Fadas, e todos os servirão com prazer. Eu, o Mestre da Floresta do Mundo, disse isso, e minha palavra é a Lei!

Noel olhou para Ak com olhos gratos.

— Isso me tornará forte entre os homens — respondeu ele. — Protegido por esses bons amigos, talvez eu possa fazer milhares de crianças felizes. Tentarei com muito esforço cumprir o meu dever, e sei que o povo da Floresta me dará sua simpatia e ajuda.

— Nós ajudaremos! — disse a Rainha das Fadas, com sinceridade.

— Nós ajudaremos! — gritaram os Ryls, rindo.

— Nós ajudaremos! — gritaram os Knooks, torcendo as caras.

— Nós ajudaremos! — exclamaram as doces ninfas, orgulhosas. Mas Necile não disse nada. Ela apenas envolveu Noel em seus braços e o beijou ternamente.

— O mundo é grande — continuou o menino, voltando-se para seus amigos leais — mas os homens estão por toda parte. Começarei meu trabalho perto dos meus amigos, para que, se eu enfrentar alguma desventura, possa voltar à Floresta em busca de conselho ou ajuda.

Com isso, ele lançou a todos um olhar amoroso e se afastou. Não havia necessidade de se despedir, pois para ele a doce e selvagem vida da Floresta havia terminado. Ele partiu corajosamente para enfrentar seu destino—o destino da raça humana—a necessidade de preocupar-se e trabalhar.

Mas Ak, que conhecia o coração do menino, foi misericordioso e guiou seus passos.

Passando por Burzee até a borda oriental, Noel chegou ao Vale Risonho de Hohaho. De cada lado, colinas verdes rolavam, e um riacho serpenteava por entre elas, indo mais adiante, além do vale. Atrás dele estava a sombria Floresta; ao fundo do vale, uma vasta planície. Os olhos do jovem, que até então refletiam seus pensamentos graves, ficaram mais brilhantes enquanto ele ficava em silêncio, olhando para o Vale Risonho. Então, de repente, seus olhos brilharam como estrelas em uma noite tranquila, e ele sorriu largo.

Pois aos seus pés as vacárias e margaridas sorriram para ele com amizade; a brisa assobiava alegremente ao passar e agitava os fios de seu cabelo; o riacho ria



jovialmente enquanto saltava sobre as pedras e serpenteava pelas curvas verdes de suas margens; as abelhas cantavam doces canções enquanto voavam de dente-de-leão em dente-de-leão; os besouros chilreavam felizes na grama alta, e os raios do sol cintilavam agradavelmente sobre toda a cena.

— Aqui — exclamou Noel, estendendo os braços como se quisesse abraçar o Vale — farei meu lar!

Isso foi há muitos, muitos anos. Desde então, tem sido seu lar. É seu lar até hoje.

Capítulo 8: O Vale Risonho

Quando Noel chegou, o Vale estava vazio, salvo pela grama, o riacho, as flores silvestres, as abelhas e as borboletas. Se ele quisesse fazer sua casa ali e viver à maneira dos homens, deveria ter uma casa. Isso o intrigou no começo, mas enquanto ele ficava sorrindo ao sol, de repente encontrou ao seu lado o velho Nelko, servo do Mestre da Floresta. Nelko trazia um machado, forte e largo, com uma lâmina que brilhava como prata polida. Ele colocou o machado na mão do jovem, e então desapareceu sem dizer uma palavra.

Noel entendeu, e voltando-se para a borda da Floresta, escolheu vários troncos caídos, que começou a limpar das ramagens secas. Ele não cortaria uma árvore viva. Sua vida entre as ninfas que guardavam a Floresta lhe ensinara que uma árvore viva é sagrada, sendo uma criação dotada de sentimentos. Mas com as árvores mortas e caídas era diferente. Elas haviam cumprido seu destino, como membros ativos da comunidade da Floresta, e agora era adequado que seus restos servissem às necessidades do homem.

O machado cravou-se profundamente nos troncos a cada golpe. Parecia ter uma força própria, e Noel só precisava balançá-lo e guiá-lo.

Quando as sombras começaram a se arrastar sobre as colinas verdes, cobrindo o Vale para passar a noite, o jovem já havia cortado muitos troncos em comprimentos e formas adequadas para construir uma casa como ele havia visto as classes mais pobres dos homens habitarem. Então, resolvendo esperar outro dia antes de tentar juntar os troncos, Noel comeu algumas das doces raízes que sabia muito bem como encontrar, bebeu profundamente do riacho que ria, e se deitou para dormir na grama, primeiro procurando um lugar onde não crescessem flores, para que o peso de seu corpo não as esmagasse.

E enquanto ele dormia e respirava o perfume do maravilhoso Vale, o Espírito da Felicidade se infiltrou em seu coração e expulsou todo o medo, a preocupação e as dúvidas. Nunca mais o rosto de Noel se nubliaria com ansiedades; nunca mais as provas da vida o esmagariam

como um fardo. O Vale Risonho o havia reivindicado para si.

Quem nos dera pudéssemos viver nesse lugar encantador! — mas, então, talvez ele se tornasse superlotado. Por séculos ele esperara por um morador. Seria acaso que levou o jovem Noel a fazer seu lar nesse vale feliz? Ou podemos imaginar que seus amigos pensativos, os imortais, haviam guiado seus passos quando ele se afastou de Burzee para procurar um lar no grande mundo?



Certo é que, enquanto a lua se espreitava sobre o topo da colina e inundava com seus suaves raios o corpo do estranho adormecido, o Vale

Risonho se enchia com as formas estranhas e tortuosas dos simpáticos Knooks. Essas pessoas não falavam palavras, mas trabalhavam com habilidade e rapidez. Os troncos que Noel havia aparado com seu machado brilhante foram levados para um ponto ao lado do riacho e encaixados uns sobre os outros, e durante a noite uma casa forte e espaçosa foi construída.

Os pássaros chegaram voando para o Vale ao amanhecer, e seus cantos, tão raramente ouvidos na floresta densa, despertaram o estranho. Ele esfregou a teia do sono de suas pálpebras e olhou ao redor. A casa lhe deu as boas-vindas.

— Eu devo agradecer aos Knooks por isso — disse ele, grato. Então ele caminhou até sua casa e entrou pela porta. Uma grande sala se abriu à sua frente, com uma lareira no fundo e uma mesa e um banco no meio. Ao lado da lareira havia um armário. Outra porta estava além. Noel entrou também ali e viu um quarto menor com uma cama contra a parede e um banco próximo a uma pequena mesa. Na cama, havia muitas camadas de musgo seco trazido da Floresta.

— De fato, é um palácio! — exclamou o sorridente Noel. — Devo agradecer aos bons Knooks novamente, por seu conhecimento das necessidades do homem, assim como por seus trabalhos em meu favor.

Ele deixou seu novo lar com a sensação alegre de que não estava completamente sozinho no mundo, embora tivesse escolhido abandonar sua vida na Floresta. As amizades não se quebram facilmente, e os imortais estão em toda parte.

Ao chegar ao riacho, ele bebeu da água pura, e então se sentou na margem para rir das travessuras das ondas enquanto elas se empurravam umas contra as pedras ou se aglomeravam desesperadas para ver qual chegaria primeiro à curva além. E enquanto corriam, ele escutou a canção que cantavam:

Correndo, empurrando, vamos nós!

Nenhuma onda pode fluir calmamente

Todos estão muito excitados.

Cada gota, encantada,

Se transforma em spray num jogo alegre

Enquanto caímos em nosso caminho!

Em seguida, Noel procurou raízes para comer, enquanto os narcisos viravam seus olhinhos para ele, rindo, e sussurravam sua doce canção:

Florescendo com graça, crescendo com raridade,
Nunca flores tão alegres houve!

Perfume exalando, alegria deixando,
Ao exibirmos nossas cores.

Isso fez Noel rir ao ouvir as pequenas coisas expressarem sua felicidade enquanto balançavam graciosamente em seus caules. Mas outro tom captou sua atenção quando os raios de sol caíram suavemente sobre seu rosto e sussurraram:

Aqui está a alegria, que nossos raios

Aquecem o vale durante os dias;

Aqui está a felicidade, para dar

Conforto a todos os que vivem!

— Sim! — exclamou Noel em resposta. — Há felicidade e alegria em todas as coisas aqui. O Vale Risonho é um vale de paz e boa vontade.

Ele passou o dia conversando com as formigas e besouros, trocando piadas com as borboletas de espírito leve. E à noite, deitou-se em sua cama de musgo macio e dormiu profundamente.

Então vieram as Fadas, alegres, mas silenciosas, trazendo frigideiras, panelas, pratos e utensílios necessários para preparar alimentos e confortar um mortal. Com isso, preencheram o armário e a lareira, finalmente colocando um robusto traje de lã sobre o banco ao lado da cama.

Quando Noel acordou, esfregou os olhos novamente, riu e falou em voz alta seus agradecimentos às Fadas e ao Mestre da Floresta, que as enviara. Com grande alegria,

examinou todos os seus novos pertences, perguntando-se para que alguns poderiam ser usados. Mas, nos dias em que ele se agarrou ao cinto do grande Ak e visitou as cidades dos homens, seus olhos foram rápidos em perceber todos os modos e costumes da raça a que pertencia; então, ele adivinhou, pelos presentes trazidos pelas Fadas, que o Mestre esperava que ele, doravante, vivesse à maneira de seus semelhantes.

— O que significa que devo arar a terra e plantar milho — refletiu ele — para que, quando o inverno chegar, eu tenha comida abundante.

Mas, enquanto estava de pé no Vale coberto de grama, viu que virar a terra em sulcos seria destruir centenas de lindas e indefesas flores, assim como milhares de tenros fios de grama. E isso ele não poderia suportar. Portanto, estendeu os braços e soltou um assobio peculiar que aprendera na Floresta, gritando em seguida: — Ryls das Flores do Campo — venham até mim!

Imediatamente, uma dúzia dos estranhos pequenos Ryls se agacharam no chão diante dele, e acenaram para ele com uma saudação alegre.

Noel olhou para eles com seriedade.

— Seus irmãos da Floresta — disse ele — eu os conheci e amei por muitos anos. Eu também amarei vocês, quando formos amigos. Para mim, as leis dos Ryls, seja da Floresta ou do campo, são sagradas. Nunca destruí de propósito uma das flores que vocês cuidam com tanto zelo; mas devo plantar grãos para usar como alimento durante o frio inverno, e como farei isso sem matar as pequenas criaturas que cantam para mim tão graciosamente sobre suas flores perfumadas?

O Ryl Amarelo, aquele que cuida das margaridas, respondeu:

— Não se preocupe, amigo Noel. O grande Ak nos falou de você. Há trabalho melhor para você na vida do que lutar por comida, e embora, não sendo da Floresta, Ak não tenha comando sobre nós, ainda assim ficamos felizes em favorecer quem ele ama. Viva, portanto, para fazer o bom trabalho que está decidido a realizar. Nós, os Ryls do Campo, cuidaremos de suas provisões alimentícias.

Após esse discurso, os Ryls já não foram mais vistos, e Noel afastou da mente o pensamento de arar a terra. Quando ele retornou à sua morada, uma tigela de leite fresco estava sobre a mesa; pão estava no armário e doce mel preenchia um prato ao lado. Uma linda cesta com maçãs rosadas e uvas recém-colhidas também o aguardava. Ele exclamou:

— Obrigado, meus amigos! — para os invisíveis Ryls, e logo começou a comer dos alimentos.

A partir de então, quando estivesse com fome, ele só precisava olhar para o armário para encontrar boas provisões trazidas pelos bondosos Ryls. E os Knooks cortaram e empilharam muita madeira para sua lareira. E as Fadas lhe trouxeram cobertores quentes e roupas. Assim começou sua vida no Vale Risonho, com o favor e amizade dos imortais para suprir todas as suas necessidades.

Capítulo 9: Como Noel Fez o Primeiro Brinquedo

De fato, nosso Noel era sábio, pois sua boa sorte apenas fortaleceu sua decisão de fazer amizade com os pequenos de sua própria raça. Ele sabia que seu plano era aprovado pelos imortais — do contrário, eles não o teriam favorecido de forma tão generosa.

Assim, começou imediatamente a se aproximar da humanidade. Caminhou pelo Vale até a planície além, e cruzou essa planície em várias direções para alcançar as moradas dos homens. Estas apareciam isoladas ou em agrupamentos chamados de vilarejos, e em quase todas as casas, fossem grandes ou pequenas, Noel encontrava crianças.

Logo os pequenos passaram a reconhecer seu rosto alegre e risonho, e o olhar bondoso de seus olhos brilhantes; e os pais, embora vissem com certo desdém aquele jovem que gostava mais das crianças do que dos adultos, estavam satisfeitos por ver que os meninos e meninas haviam encontrado um companheiro de brincadeiras disposto a entretê-los.

Assim, as crianças corriam e brincavam com Noel, os meninos montavam em seus ombros, as meninas se aninhavam em seus braços fortes, e os bebês se agarravam com carinho aos seus joelhos. Onde quer que o jovem estivesse, o som das risadas infantis o seguia; e para entender isso melhor, é preciso saber que, naquela época, as crianças eram muito negligenciadas e recebiam pouca atenção de seus pais, de modo que era um

verdadeiro espanto para elas ver um homem tão bondoso dedicar seu tempo a fazê-las felizes. E aqueles que o conheciam estavam, pode ter certeza, muito felizes. Os rostos tristes dos pobres e maltratados se iluminavam por um instante; o aleijado sorria apesar de sua desgraça; os doentes silenciavam seus gemidos, e os enlutados suas lágrimas, quando seu alegre amigo se aproximava para consolá-los.

Apenas no belo palácio do Senhor de Lerd e no sombrio castelo do Barão Braun Noel foi impedido de entrar.

Havia crianças em ambos os lugares; mas os criados do palácio fecharam a porta na cara do jovem forasteiro, e o feroz barão ameaçou enforcá-lo num gancho de ferro preso às muralhas do castelo. Diante disso, Noel suspirou e retornou às moradas mais humildes, onde era bem-vindo.

Com o tempo, o inverno se aproximou.

As flores viveram seus ciclos, murcharam e desapareceram; os besouros se enterraram fundo na terra quente; as borboletas abandonaram os campos; e a voz do riacho ficou rouca, como se tivesse pegado um resfriado.

Certo dia, flocos de neve tomaram o ar no Vale Sorridente, dançando com alvoroço rumo à terra e vestindo de branco puro o telhado da morada de Noel. À noite, Jack Frost bateu à porta.

— Entre! — gritou Noel.

— Saia você! — respondeu Jack. — Pois aí dentro tem fogo aceso.

Então Noel saiu. Ele conhecia Jack Frost da Floresta, e gostava do alegre trapaceiro, mesmo desconfiando dele.

— Esta noite será de muita diversão para mim, Noel! — gritou o duende. — Não é um clima glorioso? Vou beliscar dezenas de narizes, orelhas e dedinhos antes do amanhecer!

— Se você gosta de mim, Jack, poupe as crianças — pediu Noel.

— E por quê? — perguntou o outro, surpreso.

— Elas são frágeis e indefesas — respondeu Noel.

— Mas eu adoro beliscar as mais sensíveis! — declarou Jack. — Os mais velhos são duros e cansam meus dedos.

— Os pequenos são fracos e não conseguem te enfrentar — disse Noel.

— É verdade — concordou Jack, pensativo. — Bem, não beliscarei nenhuma criança esta noite... se conseguir resistir à tentação — prometeu. — Boa noite, Noel!

— Boa noite.

O jovem entrou e fechou a porta, e Jack Frost correu até a vila mais próxima.

Noel atirou um torção de lenha ao fogo, que se avivou com força. Ao lado da lareira, sentava-se Blinkie, uma gata grande que lhe fora dada por Peter, o Knook. Seu pelo era macio e lustroso, e ela ronronava canções intermináveis de contentamento.

— Não verei as crianças tão cedo — disse Noel à gata, que gentilmente interrompeu seu canto para escutá-lo. —

O inverno chegou, a neve será espessa por muitos dias, e eu não poderei brincar com meus pequenos amigos.

A gata levantou uma pata e acariciou o focinho com ar pensativo, mas nada respondeu. Desde que o fogo estivesse aceso e Noel sentado em sua poltrona junto à lareira, ela não se importava com o tempo lá fora.

E assim se passaram muitos dias e longas noites. A despensa estava sempre cheia, mas Noel começou a se cansar de não ter o que fazer além de alimentar o fogo com a pilha de lenha que os Knooks haviam trazido. Certa noite, ele pegou um pedaço de madeira e começou a entalhá-lo com seu canivete afiado. A princípio, não tinha outro intuito senão passar o tempo, e assobiava e cantava para a gata enquanto retirava pedaços do graveto. A gata sentou-se nas patas traseiras e o observava, ouvindo ao mesmo tempo o assovio alegre de



seu dono, que ela adorava mais até do que suas próprias canções de ronronar.

Noel olhou para a gata e depois para o pedaço de madeira que estava entalhando, até que, em certo momento, a madeira começou a tomar forma — e a forma lembrava a cabeça de um gato, com duas orelhas

apontadas para cima.

Noel parou de assobiar para rir, e então tanto ele quanto a gata olharam para a imagem de madeira com certa surpresa. Depois, ele talhou os olhos e o nariz, e arredondou a parte inferior da cabeça para que se assentasse sobre um pescoço.

A gata mal sabia o que pensar daquilo, e ficou sentada bem ereta, como se observasse com desconfiança o que viria a seguir.

Noel sabia. A cabeça lhe dera uma ideia. Ele manejou a faca com cuidado e habilidade, formando lentamente o corpo do gato, que esculpiu sentado sobre as patas traseiras, como a gata real fazia, com o rabo enrolado ao redor das duas patas da frente.

O trabalho lhe custou bastante tempo, mas a noite era longa e ele não tinha nada melhor para fazer. Por fim, deu uma risada alta e satisfeita com o resultado de seu esforço e colocou o gato de madeira, agora completo, sobre a lareira, de frente para o gato de verdade.

A gata então lançou um olhar feroz para sua imagem, eriçou os pelos em fúria e soltou um miado desafiador. O gato de madeira não lhe deu atenção alguma, e Noel, bastante divertido, riu novamente.

Então Blinkie, a gata, aproximou-se da imagem de madeira para observá-la de perto e cheirá-la com atenção: os olhos e o nariz lhe diziam que aquela criatura era feita de madeira, apesar de sua aparência natural; assim, a gata retomou seu lugar e seu ronronar, mas, enquanto lavava o rosto com a pata acolchoada, lançou mais de um olhar admirado para seu mestre habilidoso. Talvez sentisse a mesma satisfação que sentimos ao olhar boas fotografias de nós mesmos.

O mestre da gata também estava satisfeito com sua obra, sem saber exatamente por quê. Na verdade, ele tinha grandes motivos para se congratular naquela noite — e todas as crianças do mundo deveriam ter se juntado a ele em festa. Pois Noel acabara de criar seu primeiro brinquedo.

Capítulo 10: Como os Ryls Coloriram os Brinquedos

Um silêncio pairava agora sobre o Vale Risonho. A neve o cobria como uma colcha branca, e almofadas de flocos macios dançavam diante da morada onde Noel estava sentado, alimentando o fogo na lareira. O riacho borbulhava sob uma espessa camada de gelo, e todas as plantas e insetos vivos se aninhavam junto à Mãe Terra para se manterem aquecidos. O rosto da lua estava escondido por nuvens escuras, e o vento, divertindo-se com os jogos do inverno, empurrava e rodopiava os flocos de neve em tantas direções que eles mal conseguiam tocar o chão.

Noel ouvia o vento assobiando e uivando em sua brincadeira e agradecia mais uma vez aos bons Knooks por seu abrigo confortável. Blinkie lavava o rosto preguiçosamente e encarava as brasas com um olhar de contentamento absoluto. O gato de brinquedo sentava-se em frente ao gato de verdade e olhava fixamente para a frente, como todo bom gato de brinquedo deve fazer. De repente, Noel ouviu um som que se diferenciava da voz do vento. Era mais parecido com um lamento de sofrimento e desespero.

Ele se levantou e escutou, mas o vento, ficando mais barulhento, sacudiu a porta e chacoalhou as janelas para distraí-lo. Noel esperou até que o vento se cansasse e então, ainda atento, ouviu novamente o grito agudo de angústia.

Rapidamente vestiu o casaco, puxou o gorro até os olhos e abriu a porta. O vento invadiu a casa e espalhou as brasas da lareira, ao mesmo tempo que bagunçava tanto o pelo de Blinkie que ela se escondeu debaixo da mesa para se proteger. Noel fechou a porta depressa e saiu, espiando ansioso na escuridão.

O vento ria e resmungava e tentava empurrá-lo, mas ele se manteve firme. Os flocos indefesos batiam contra seus olhos e ofuscavam sua visão, mas ele os limpou e olhou novamente. Havia neve por toda parte, branca e cintilante. Cobria o chão e preenchia o ar.

O choro não se repetiu.

Noel se virou para voltar à casa, mas o vento o pegou desprevenido e ele tropeçou e caiu sobre um monte de neve. Sua mão mergulhou no montinho e tocou algo que não era neve. Ele agarrou aquilo e, puxando com cuidado, descobriu que era uma criança. No momento seguinte, já a carregava nos braços de volta para dentro de casa.

O vento entrou com ele pela porta, mas Noel logo a fechou, impedindo que continuasse. Deitou a criança resgatada perto da lareira e, ao afastar a neve, reconheceu Weekum, um menininho que morava numa casa do outro lado do Vale.

Noel envolveu o pequeno com um cobertor quente e esfregou os membros congelados até que o calor voltasse. Em pouco tempo, o menino abriu os olhos e, ao ver onde estava, sorriu feliz. Então Noel esquentou leite e o alimentou aos poucos, enquanto a gata observava com uma curiosidade séria. Por fim, o garotinho se aninhou nos braços do amigo e suspirou antes de

adormecer, e Noel, tomado por uma alegria imensa por ter encontrado o pequeno perdido, o segurou bem apertado enquanto ele dormia.

O vento, sem mais travessuras para fazer, subiu a colina e seguiu rumo ao norte. Isso deu aos flocos cansados a chance de repousar sobre a terra, e o Vale ficou novamente em silêncio.

O menino, depois de dormir bem nos braços do amigo, abriu os olhos e se sentou. Então, como toda criança faz, olhou ao redor e observou tudo o que havia na sala.

— Seu gato é um gato legal,
Noel — disse, por fim. — Posso segurá-lo?

Mas a gata protestou e correu para longe.

— A outra gata não vai correr,
Noel — continuou o menino. —
Deixe-me segurar essa.

Noel colocou o brinquedo nos braços dele, e o menino o abraçou com carinho e beijou a pontinha da orelha de madeira.

— Como você se perdeu na tempestade, Weekum? — perguntou Noel.

— Eu saí andando até a casa da minha tia e me perdi — respondeu Weekum.

— Você ficou com medo?

— Estava frio — disse Weekum — e a neve entrou nos meus olhos, então não consegui enxergar. Continuei



andando até cair na neve, sem saber onde estava, e o vento foi cobrindo tudo com flocos até me enterrar. Noel acariciou gentilmente sua cabeça, e o menino olhou para ele e sorriu.

— Agora estou bem — disse Weekum.

— Sim — respondeu Noel, feliz. — Agora vou colocá-lo na minha cama quentinha, e você deve dormir até de manhã. Depois te levarei de volta para sua mãe.

— A gata pode dormir comigo? — perguntou o menino.

— Sim, se você quiser — respondeu Noel.

— É uma gata boazinha! — disse Weekum, sorrindo, enquanto Noel o cobria com as cobertas; e logo o pequeno adormeceu com o brinquedo de madeira nos braços.

Na manhã seguinte, o sol se espalhou pelo Vale Risonho com seus raios, e Noel se preparou para levar a criança perdida de volta para a mãe.

— Posso ficar com a gata, Noel? — perguntou Weekum. — Ela é melhor que uma de verdade. Não foge, nem arranha, nem morde. Posso?

— Claro que sim — respondeu Noel, contente por o brinquedo ter agradado tanto. Então envolveu o menino e a gata de madeira numa capa quente, colocou o pacotinho nos ombros largos e seguiu através da neve e dos montes do Vale, cruzando a planície até a pobre cabana onde morava a mãe de Weekum.

— Olha, mamãe! — gritou o menino assim que entraram — Ganhei uma gata!

A boa mulher chorou de alegria ao ver seu querido filho de volta e agradeceu a Noel muitas vezes por sua

bondade. E assim ele voltou ao Vale com o coração aquecido e feliz.

Naquela noite, ele disse à gata:

— Acho que as crianças vão amar as gatas de madeira quase tanto quanto as de verdade — e elas não podem machucá-las puxando o rabo ou as orelhas. Farei outra. Assim começou sua grande missão.

A próxima gata foi ainda melhor que a primeira.

Enquanto Noel a entalhava, o Ryl Amarelo veio visitá-lo e ficou tão encantado com a habilidade de Noel que correu para chamar alguns de seus companheiros.

Logo estavam todos sentados em círculo no chão — o Ryl Vermelho, o Preto, o Verde, o Azul e o Amarelo — enquanto Noel assobiava e entalhava a madeira, e a nova gata ia ganhando forma.

— Se ela fosse pintada com as mesmas cores de uma gata de verdade, ninguém notaria a diferença — disse o Ryl Amarelo, pensativo.

— As crianças pequenas, talvez, nem notassem mesmo — respondeu Noel, animado com a ideia.

— Vou trazer o vermelho que uso para colorir minhas rosas e tulipas — disse o Ryl Vermelho — e assim você pode pintar a língua e os lábios da gata.

— Vou trazer o verde que uso para as folhas e os gramados — disse o Ryl Verde — e você poderá pintar os olhos da gata.

— Também vai precisar de um pouco de amarelo — observou o Ryl Amarelo. — Vou buscar o que uso para pintar meus botões-de-ouro e ranúnculos.

— A gata verdadeira é preta — disse o Ryl Preto — vou trazer o preto que uso nos olhos das minhas violetas, e assim você pode pintar a gata de madeira.

— Vejo que há uma fita azul no pescoço da Blinkie — disse o Ryl Azul. — Buscarei o azul que uso nas campânulas e nos não-me-esqueças, e você poderá esculpir uma fitinha de madeira e pintá-la com essa cor. Então os Ryls desapareceram, e quando Noel terminou de entalhar a forma da gata, todos voltaram com tintas e pincéis.

Colocaram a Blinkie sobre a mesa para que Noel pudesse pintar a gata de madeira com perfeição, e quando terminou, os Ryls disseram que ela estava tão boa quanto uma de verdade.

— Pelo menos na aparência — acrescentou o Ryl Vermelho.

Blinkie pareceu um pouco ofendida por toda aquela atenção ao brinquedo e, para mostrar que não aprovava a imitação, foi se sentar com ar de dignidade no canto da lareira.

Mas Noel estava radiante, e assim que amanheceu saiu caminhando pela neve, cruzou o Vale e a planície, até chegar a uma vila. Ali, numa cabana pobre perto dos muros do belo palácio do Senhor de Lerd, uma menininha jazia em um catre miserável, gemendo de dor. Noel se aproximou, beijou a criança e a consolou. Então tirou de dentro do casaco, onde tinha escondido, a gata de madeira e colocou em seus braços.

Ah, como se sentiu recompensado por todo o trabalho e caminhada ao ver os olhos da menina brilharem de alegria! Ela apertou o brinquedo contra o peito como se

fosse uma joia preciosa, e não quis soltá-lo nem por um momento. A febre diminuiu, a dor aliviou, e ela caiu em um sono calmo e restaurador.

Noel voltou para casa rindo, assobiando e cantando.

Nunca tinha se sentido tão feliz.

Ao chegar, encontrou Shiegra, a leoa, esperando por ele. Desde sua infância, Shiegra amava Noel. Enquanto ele vivia na Floresta, ela sempre ia visitá-lo no lar de Necile. Mas depois que Noel se mudou para o Vale Risonho, Shiegra ficou solitária e inquieta. Agora, tinha desafiado os montes cobertos de neve — que os leões odeiam — para vê-lo novamente. Estava velha, os dentes começavam a cair, e os pelos das orelhas e da cauda haviam ficado brancos.

Noel a encontrou deitada junto à lareira e a abraçou com carinho. A gata havia se recolhido a um canto e não queria se aproximar de Shiegra.

Noel contou à velha amiga sobre as gatinhas de madeira e como haviam deixado Weekum e a menina doente tão felizes. Shiegra não entendia muito de crianças; na verdade, se encontrasse uma, talvez nem conseguisse resistir à vontade de devorá-la. Mas ficou interessada no novo ofício de Noel e disse:

— Essas imagens me parecem muito encantadoras. Mas não entendo por que você faz gatas, são animais pouco importantes. Que tal, agora que estou aqui, fazer a imagem de uma leoa, a Rainha de todas as feras? Assim, as crianças ficarão felizes e seguras ao mesmo tempo! Noel achou a sugestão ótima. Pegou um pedaço de madeira e afiou sua faca, enquanto Shiegra se deitava a seus pés. Com muito cuidado, ele esculpiu a cabeça da

leoa, inclusive os dentes curvos que saíam do lábio inferior e as linhas carrancudas acima dos olhos arregalados.

Quando terminou, disse:

— Você está com um olhar terrível, Shiegra.

— Então a imagem está igual a mim — respondeu ela — porque sou realmente terrível para todos que não são meus amigos.

Noel esculpiu o corpo, com a longa cauda da leoa se arrastando atrás. A imagem da leoa agachada ficou muito realista.

— Eu gostei — disse Shiegra, bocejando e se espreguiçando com elegância. — Agora vou assistir enquanto você pinta.

Ele pegou as tintas que os Ryls haviam lhe dado e coloriu a imagem para se parecer com a verdadeira Shiegra.

A leoa colocou as patas sobre a beirada da mesa e se ergueu, examinando cuidadosamente o brinquedo que a representava.

— Você é realmente talentoso! — disse ela, orgulhosa. — As crianças vão gostar disso mais do que de gatinhos, com certeza.

Depois, rosnando para Blinkie, que se encolheu de medo, Shiegra caminhou de volta para sua floresta com passos majestosos.

Capítulo 11: Como a Pequena Mayrie ficou Assustada

O inverno havia terminado, e todo o Vale Risonho estava tomado por uma empolgação alegre. O riacho estava tão feliz por estar livre novamente que borbulhava mais barulhento do que nunca e se lançava contra as rochas com tanta imprudência que lançava jatos de água bem alto no ar. A grama empurrava suas pequenas lâminas afiadas através do tapete de caules mortos onde havia se escondido da neve, mas as flores ainda estavam tímidas demais para aparecer, embora os Ryls estivessem ocupados alimentando suas raízes. O sol estava de ótimo humor e espalhava seus raios dançando alegremente por todo o Vale.

Noel estava almoçando um dia quando ouviu uma batida tímida na porta.

— Entre! — chamou ele.

Ninguém entrou, mas depois de uma pausa veio outra batidinha.

Noel se levantou de um salto e escancarou a porta.

Diante dele estava uma menina segurando firme o irmão menor pela mão.

— Cê é o Toel? — ela perguntou, timidamente.

— De fato sou, minha querida! — ele respondeu, rindo, enquanto pegava as duas crianças nos braços e lhes dava um beijo. — Sejam muito bem-vindos, e chegaram bem a tempo para compartilhar meu almoço.

Ele os levou até a mesa e os alimentou com leite fresco e bolinhos de noz. Quando já haviam comido o suficiente, ele perguntou:

— Por que fizeram essa longa viagem para me ver?

— Eu quero um gatim! — respondeu a pequena Mayrie; e seu irmão, que ainda não sabia falar muitas palavras, balançou a cabeça e exclamou, como um eco: — Gatim! — Ah, vocês querem meus gatos de brinquedo, não é? — respondeu Noel, muito satisfeito em descobrir que suas criações eram tão populares entre as crianças.

Os pequenos visitantes assentiram com entusiasmo.

— Infelizmente — continuou ele —, só tenho um gato pronto agora, pois levei dois para as crianças da cidade ontem. E esse que tenho será dado ao seu irmão, Mayrie, porque ele é o menor; e o próximo que eu fizer será seu.

O rosto do menino se iluminou de alegria ao receber o precioso brinquedo que Noel lhe entregou; mas a pequena Mayrie cobriu o rosto com o braço e começou a soluçar dolorosamente.

— E-e-eu queeeero um g-g-gatim agooora! — ela choramingou.

A decepção dela fez Noel se sentir miserável por um momento. Então ele se lembrou subitamente de Shiegra.

— Não chore, querida! — disse ele, suavemente. — Tenho um brinquedo muito mais bonito que um gato, e é seu. Ele foi até o armário e tirou a imagem da leoa, que colocou sobre a mesa diante de Mayrie.

A menina levantou o braço e deu uma olhadinha nos dentes ferozes e nos olhos penetrantes da fera, e então, soltando um grito de puro terror, saiu correndo da casa.

O menino a seguiu, também gritando alto, e até deixou cair seu precioso gato de brinquedo de tanto medo.

Por um momento Noel ficou imóvel, confuso e surpreso.

Depois jogou a imagem de Shiegra de volta ao armário e

correu atrás das crianças, chamando-as para que não ficassem assustadas.

A pequena Mayrie parou na fuga e seu irmão se agarrou à sua saia; mas ambos lançavam olhares assustados para a casa até Noel assegurar muitas vezes que a fera estava trancada no armário.

— Mas por que ficaram assustados ao vê-la? — ele perguntou. — É apenas um brinquedo para brincar!

— É feia! — disse Mayrie, decidida. — E—e—é horrível, e nem um pouco bonitinha, como os gatinhos!

— Talvez você tenha razão — respondeu Noel, pensativo.

— Mas se voltarem comigo à casa, logo farei um gatinho bem bonito para você.

Então eles entraram novamente na casa, ainda um pouco temerosos, mas confiantes nas palavras do amigo; e depois puderam se alegrar vendo Noel esculpir um gatinho de um pedaço de madeira e pintá-lo com cores naturais. Não levou muito tempo, pois Noel já havia se tornado habilidoso com a faca, e Mayrie amou seu brinquedo ainda mais por ter visto ele ser feito.

Depois que seus pequenos visitantes partiram em direção a casa, Noel ficou muito tempo em profunda reflexão. E então decidiu que criaturas ferozes como sua amiga a leoa nunca serviriam como modelo para os brinquedos.

— Não deve haver nada que assuste os queridos pequenos — refletiu ele. — E embora eu conheça bem Shiegra e não tenha medo dela, é natural que as crianças vejam sua imagem com terror. Daqui em diante, escolherei animais de temperamento dócil como esquilos, coelhos, cervos e cordeirinhos para esculpir meus

brinquedos. Assim, os pequenos os amam em vez de temê-los.

Ele começou o trabalho naquele mesmo dia, e antes da hora de dormir já havia feito um coelhinho e um cordeiro de madeira. Eles não ficaram tão realistas quanto os gatos, pois foram feitos de memória, enquanto Blinkie havia ficado bem quieta para Noel observar enquanto trabalhava.

Mas os novos brinquedos agradaram as crianças mesmo assim, e a fama dos brinquedos de Noel logo se espalhou por todas as casinhas da planície e das vilas. Ele sempre levava presentes às crianças doentes ou com deficiência, mas aquelas fortes o suficiente iam até sua casa no Vale para pedi-los, e logo um caminhozinho foi formado entre a planície e a porta da cabana do fabricante de brinquedos.

Primeiro vieram as crianças que já tinham sido amigas de Noel, antes dele começar a fazer brinquedos. Essas, é claro, foram bem atendidas. Depois, crianças que viviam mais longe ouviram falar das imagens maravilhosas e também foram ao Vale buscá-las. Todas as criancinhas eram bem-vindas, e nenhuma ia embora de mãos vazias. Essa demanda por seus brinquedos mantinha Noel ocupado, mas ele era muito feliz por saber que levava tanta alegria às queridas crianças. Seus amigos imortais estavam satisfeitos com seu sucesso e o apoiavam com entusiasmo.

Os Knooks selecionavam para ele pedaços limpos de madeira macia, para que sua faca não ficasse cega ao cortá-los; os Ryls o abasteciam com tintas de todas as cores e pincéis feitos com pontas de capim-do-campo; as

Fadas descobriram que o artesanato precisava de serras, formões, martelos e pregos, além das facas, e trouxeram uma bela coleção dessas ferramentas.

Noel logo transformou sua sala de estar em uma oficina maravilhosa. Ele construiu um balcão em frente à janela e organizou suas ferramentas e tintas de modo que pudesse alcançar tudo enquanto se sentava em seu banquinho. E, à medida que finalizava brinquedo



após brinquedo para encantar o coração das crianças, percebeu que ficava tão alegre e feliz que não conseguia evitar cantar, rir e assobiar o dia todo.

— É porque eu moro no Vale das Risadas, onde tudo mais também ri! — dizia Noel.

Mas essa não era a razão.

Capítulo 12: Como Bessie Blithesome chegou ao Vale Risonho

Um dia, enquanto Noel se sentava diante da porta para aproveitar o sol, entalhando com afinco a cabeça e os chifres de um cervo de brinquedo, olhou para cima e avistou uma brilhante cavalaria se aproximando pelo Vale.

Quando chegaram mais perto, viu que o grupo era formado por cerca de vinte soldados, vestidos com armaduras reluzentes e empunhando lanças e machados de guerra. À frente deles cavalgava a pequena Bessie Blithesome, a graciosa filha daquele orgulhoso Lorde de Lerd que certa vez expulsara Noel de seu palácio. Seu pônei era branco como a neve, sua rédea coberta de pedras cintilantes e a sela adornada com um tecido dourado, ricamente bordado. Os soldados haviam sido enviados para protegê-la durante a viagem.

Noel ficou surpreso, mas continuou a esculpir e cantar até que a comitiva parou diante dele. Então, a menininha se inclinou sobre o pescoço do pônei e disse:

— Por favor, Sr. Noel, eu quero um brinquedo!

Sua voz era tão suplicante que Noel levantou-se imediatamente e foi até ela. Mas ficou confuso sobre como responder ao pedido.

— Você é filha de um lorde rico — disse ele —, e tem tudo o que deseja.

— Exceto brinquedos — acrescentou Bessie. — Não há brinquedos em todo o mundo além dos seus.

— E eu os faço para as crianças pobres, que não têm nada com que se divertir — continuou Noel.

— As crianças pobres gostam mais de brincar com brinquedos do que as ricas? — perguntou Bessie.

— Suponho que não — disse Noel, pensativo.

— A culpa é minha porque meu pai é um lorde? Devo ser privada dos brinquedos bonitos que tanto desejo só porque outras crianças são mais pobres do que eu? — ela perguntou com sinceridade.

— Receio que sim, querida — respondeu ele —, pois as crianças pobres não têm nada além dos brinquedos para se entreterem. Você tem seu pônei para cavalgar, servos para atendê-la e todo o conforto que o dinheiro pode comprar.

— Mas eu quero brinquedos! — choramingou Bessie, enxugando as lágrimas que teimavam em escorrer. — Se eu não puder tê-los, ficarei muito infeliz.

Noel ficou aflito, pois a tristeza dela lhe trouxe à mente que seu desejo era tornar todas as crianças felizes, sem se importar com sua condição social. Ainda assim, enquanto tantas crianças pobres clamavam por seus brinquedos, ele não suportava a ideia de dar um deles a Bessie Blithesome, que já tinha tanto para ser feliz.

— Escute, minha criança — disse ele, com gentileza —, todos os brinquedos que estou fazendo agora já estão prometidos a outras crianças. Mas o próximo será seu, já que seu coração o deseja tanto. Volte a me ver em dois dias, e ele estará pronto para você.

Bessie soltou um grito de alegria e, inclinando-se sobre o pescoço do pônei, deu um beijo carinhoso na testa de Noel. Então, chamando seus soldados, partiu alegremente, deixando Noel voltar ao trabalho.

— Se eu tiver que atender às crianças ricas assim como às pobres — pensou ele —, não terei um minuto livre durante o ano todo! Mas será certo dar aos ricos? Com certeza, preciso ir até Necile e conversar com ela sobre isso.

Assim, quando terminou o cervo de brinquedo — que era muito parecido com um cervo que conhecera nas clareiras da Floresta —, caminhou até Burzee e seguiu

até o recanto da bela ninfa Necile, que havia sido sua mãe adotiva.

Ela o recebeu com ternura e amor, ouvindo com interesse o relato da visita de Bessie Blithesome.

— E agora me diga — perguntou ele —, devo dar brinquedos às crianças ricas?

— Nós, da Floresta, nada sabemos sobre riqueza — respondeu ela. — Para mim, uma criança é como qualquer outra, pois todas são feitas do mesmo barro, e a riqueza é como uma roupa que se pode vestir ou tirar, sem mudar quem a criança é. Mas as Fadas são guardiãs da humanidade e conhecem melhor os filhos dos mortais do que eu. Vamos chamar a Rainha das Fadas.



Assim foi feito, e a Rainha das Fadas sentou-se com eles e ouviu Noel explicar seus motivos para acreditar que as crianças ricas poderiam viver sem seus brinquedos, e também o que a Ninfa dissera.

— Necile tem razão — declarou a Rainha. — Pois, seja rica ou pobre, o desejo de uma

criança por brinquedos bonitos é natural. O coração da rica Bessie pode sofrer tanto quanto o da pobre Mayrie; ela pode sentir a mesma solidão e descontentamento, e a mesma alegria e felicidade. Penso, amigo Noel, que é seu dever alegrar todas as criancinhas, quer vivam em palácios ou em cabanas.

— Suas palavras são sábias, bela Rainha — respondeu Noel — e meu coração me diz que elas são tão justas quanto sábias. De agora em diante, todas as crianças poderão reivindicar meus serviços.

Então ele se curvou diante da graciosa Fada e, beijando os lábios vermelhos de Necile, voltou para seu Vale.

Ao chegar ao riacho, parou para beber e, em seguida, sentou-se à margem com um pedaço de argila úmida nas mãos enquanto pensava em que tipo de brinquedo faria para Bessie Blithesome. Ele nem notou que seus dedos estavam moldando a argila até que, ao olhar para baixo, percebeu que havia formado inconscientemente uma cabeça que lembrava um pouco a Ninfa Necile!

Imediatamente se interessou. Recolhendo mais argila da margem, levou-a para casa. Com a ajuda de sua faca e de um pedaço de madeira, conseguiu moldar a argila na forma de uma ninfa de brinquedo. Com golpes habilidosos, formou cabelos longos e ondulados na cabeça e cobriu o corpo com um vestido de folhas de carvalho, enquanto os dois pés que saíam por baixo estavam calçados com sandálias.

Mas a argila estava mole, e Noel percebeu que precisava manuseá-la com cuidado para não estragar sua linda criação.

— Talvez os raios do sol retirem a umidade e façam a argila endurecer — pensou. Então colocou a imagem sobre uma tábua plana e a deixou sob o sol.

Feito isso, foi para o seu banco de trabalho e começou a pintar o cervo de brinquedo, ficando tão concentrado que se esqueceu completamente da ninfa de argila. Mas na manhã seguinte, ao notar a figura sobre a tábua, viu

que o sol a havia endurecido como pedra, e agora ela podia ser manuseada com segurança.

Noel então pintou a ninfa com muito cuidado para se parecer com Necile, dando-lhe olhos azul-escuros, dentes brancos, lábios rosados e cabelos castanhos avermelhados. O vestido ele coloriu de verde-folha de carvalho, e quando a tinta secou, Noel ficou encantado com o novo brinquedo. É claro que não era tão bonita quanto a verdadeira Necile; mas, considerando o material com que foi feita, Noel achou que estava muito bonita. No dia seguinte, quando Bessie chegou montada em seu pônei branco, Noel lhe presenteou com o novo brinquedo. Os olhos da garotinha brilharam mais do que nunca ao examinar a linda imagem, e ela a amou instantaneamente, abraçando-a como uma mãe faz com seu bebê.

— Como se chama, Noel? — perguntou ela.

Noel sabia que as Ninfas não gostavam de ser mencionadas por mortais, então não podia contar a Bessie que era uma imagem de Necile que ele lhe dera. Mas, sendo um brinquedo novo, procurou em sua mente um novo nome para chamá-lo, e decidiu que a primeira palavra que lhe veio à cabeça serviria muito bem.

— Chama-se boneca, minha querida — disse a Bessie.

— Eu vou chamar a boneca de meu bebê — respondeu Bessie, beijando-a com carinho — e vou cuidar dela e protegê-la como a babá cuida de mim. Muito obrigada, Noel; seu presente me fez mais feliz do que jamais fui! Então ela partiu, abraçando o brinquedo nos braços, e Noel, vendo sua alegria, pensou que faria outra boneca, ainda melhor e mais natural que a primeira.

Trouxe mais argila do riacho e, lembrando que Bessie havia chamado a boneca de seu bebê, decidiu modelar essa nova como a imagem de um bebê. Essa não foi uma tarefa difícil para o habilidoso artesão, e logo a boneca-bebê estava deitada sobre a tábua, posta ao sol para secar. Então, com o barro restante, começou a fazer uma imagem da própria Bessie Blithesome.

Essa não foi tão fácil, pois Noel percebeu que não conseguiria fazer o vestido de seda da filha do lorde com a argila comum. Então chamou as Fadas em seu auxílio e pediu que lhe trouxessem sedas coloridas para fazer um vestido de verdade para a imagem de argila. As Fadas partiram imediatamente em sua missão, e antes do anoitecer retornaram com uma generosa quantidade de sedas, rendas e fios de ouro.

Noel ficou impaciente para terminar sua nova boneca e, em vez de esperar o sol do dia seguinte, colocou a imagem de argila sobre sua lareira e a cobriu com brasas ardentes. Pela manhã, quando retirou a boneca das cinzas, ela havia endurecido tanto quanto se tivesse passado um dia inteiro sob o sol quente.

Agora nosso Noel tornou-se costureiro além de fabricante de brinquedos. Cortou a seda lavanda e a costurou cuidadosamente em um lindo vestido que servia perfeitamente à nova boneca. Colocou uma gola de renda em seu pescoço e sapatos de seda rosa em seus pés. A cor natural da argila cozida é cinza-claro, mas Noel pintou o rosto para se parecer com a cor da pele, deu à boneca os olhos castanhos de Bessie, cabelos dourados e bochechas rosadas.

Era realmente algo lindo de se ver e com certeza traria alegria ao coração de alguma criança. Enquanto Noel a admirava, ouviu uma batida na porta, e a pequena Mayrie entrou. Seu rosto estava triste e os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Ora, o que te entristeceu, minha querida? — perguntou Noel, pegando a criança no colo.

— Eu... eu quebei meu gatinho! — soluçou Mayrie.

— Como foi? — perguntou ele, com os olhos cintilando.

— Eu deixei ele cair e quebrou o rabinho dele; e... e... depois deixei ele cair de novo e quebrou a orelhinha dele! E... e agora ele tá todo esbagaçado!

Noel riu.

— Não se preocupe, Mayrie querida — disse. — Que tal esta nova boneca no lugar do seu gatinho?

Mayrie olhou para a boneca com vestido de seda e seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Oh, Tlaus! — gritou ela, batendo palminhas de alegria

— eu posso ficar com 'aquela moça linda'?

— Você gostou dela? — perguntou ele.

— Eu amei! — respondeu. — É melhor do que gatinhos!

— Então leve, querida, e tome cuidado para não quebrá-la.

Mayrie pegou a boneca com uma alegria quase reverente, e seu rosto se encheu de sorrisos enquanto voltava para casa pelo caminho.

Capítulo 13: A Maldade dos Awgwas

Agora preciso contar a você algo sobre os Awgwas, aquela terrível raça de criaturas que causou tantos problemas ao nosso bom Noel e quase conseguiu roubar das crianças do mundo seu primeiro e melhor amigo. Não gosto de mencionar os Awgwas, mas eles fazem parte desta história e não podem ser ignorados. Eles não eram mortais nem imortais, mas estavam em um ponto intermediário entre essas duas classes de seres. Os Awgwas eram invisíveis para as pessoas comuns, mas não para os imortais. Eles podiam atravessar rapidamente o ar de uma parte do mundo a outra e tinham o poder de influenciar a mente dos seres humanos para que fizessem sua vontade maligna. Eram de estatura gigantesca e tinham rostos grosseiros e carrancudos, que mostravam claramente seu ódio por toda a humanidade. Não possuíam consciência alguma e se deleitavam apenas em praticar atos perversos. Viviam em lugares rochosos e montanhosos, de onde partiam para realizar seus propósitos maldosos. Aquele entre eles que pensava na maldade mais horrível que poderiam cometer era sempre eleito o Rei Awgwa, e toda a raça obedecia às suas ordens. Às vezes essas criaturas viviam até os cem anos, mas geralmente lutavam com tanta ferocidade entre si que muitos eram destruídos em combate — e, quando morriam, aquilo era o fim. Os mortais não podiam lhes causar dano, e até os imortais estremeciam ao ouvir falar dos Awgwas, sempre os evitando. Por isso, prosperaram durante muitos anos sem oposição, e realizaram muito mal. Fico feliz em assegurar que essas criaturas vis já desapareceram da Terra há muito tempo; mas, nos dias

em que Noel fazia seus primeiros brinquedos, eles ainda eram uma tribo numerosa e poderosa.

Um dos principais passatempos dos Awgwas era inspirar sentimentos de raiva nos corações das crianças, levando-as a brigar e lutar entre si. Tentavam meninos a comer frutas verdes e depois se divertiam com a dor que eles sentiam; incentivavam meninas a desobedecer aos pais e depois riam quando elas eram castigadas. Não sei o que faz uma criança ser malcriada hoje em dia, mas, na época em que os Awgwas existiam, crianças travessas quase sempre estavam sob sua influência.

Agora, quando Noel começou a fazer as crianças felizes, ele as afastou do poder dos Awgwas; pois crianças que possuíam brinquedos tão lindos como os que ele lhes dava não tinham desejo de obedecer aos pensamentos malignos que os Awgwas tentavam empurrar em suas mentes.

Por isso, certo ano, quando a tribo maligna se reuniu para eleger um novo Rei, escolheram um Awgwa que propôs destruir Noel e tirá-lo do convívio das crianças.

— Como sabem, há menos crianças malcriadas no mundo desde que Noel veio para o Vale Risonho e começou a fazer seus brinquedos — disse o novo Rei, enquanto se agachava sobre uma rocha e olhava em volta para os rostos carrancudos do seu povo. — Ora, Bessie

Blithesome não bateu o pé nenhuma vez neste mês, e o irmão de Mayrie não bateu no rosto da irmã nem jogou o cachorrinho no tonel de água da chuva. O pequeno Weekum tomou banho ontem à noite sem gritar nem espernear, porque a mãe prometeu que ele poderia levar seu gato de brinquedo para a cama! Uma situação

dessas é horrível para qualquer Awgwa, e a única maneira de continuarmos a influenciar o mau comportamento das crianças é afastar esse tal de Noel delas.

— Muito bom! Muito bom! — gritaram os grandes Awgwas em coro, batendo palmas para aplaudir o discurso do Rei.

— Mas o que faremos com ele? — perguntou uma das criaturas.

— Tenho um plano — respondeu o perverso Rei. E qual era o plano, você logo vai descobrir.

Naquela noite, Noel foi dormir muito feliz, pois havia terminado nada menos que quatro brinquedos bonitos durante o dia, e tinha certeza de que iriam alegrar quatro crianças. Mas, enquanto ele dormia, o bando de



Awgwas invisíveis cercou sua cama, amarrou-o com cordas fortes e voou com ele até o meio de uma floresta escura na distante Ethop, onde o deixaram caído e partiram.

Quando amanheceu, Noel se encontrou a milhares de quilômetros de qualquer ser humano, prisioneiro na selva

selvagem de uma terra desconhecida.

Do galho de uma árvore acima de sua cabeça balançava uma enorme píton, um daqueles répteis capazes de esmagar os ossos de um homem com seus anéis. A poucos metros dali, agachava-se uma pantera selvagem, com seus olhos vermelhos e penetrantes fixos em Noel,

indefeso. Uma daquelas monstruosas aranhas malhadas, cujo ferrão é mortal, aproximava-se sorrateiramente por entre as folhas emaranhadas, que murchavam e escureciam ao toque de suas patas.

Mas Noel havia sido criado em Burzee, e não sentia medo.

— Vinde a mim, ó Knooks da Floresta! — gritou ele, e assobiou baixo, de maneira peculiar, como os Knooks reconhecem.

A pantera, que estava prestes a saltar sobre sua vítima, virou-se e se afastou furtivamente. A píton se lançou para dentro da árvore e desapareceu entre as folhas. A aranha parou sua marcha e se escondeu sob um tronco apodrecido.

Noel não teve tempo de notar essas coisas, pois estava cercado por um grupo de Knooks de feições duras, mais tortos e deformados que qualquer outro que já tivesse visto.

— Quem és tu que nos chama? — perguntou um deles, com voz áspera.

— Um amigo de vossos irmãos de Burzee — respondeu Noel. — Fui trazido até aqui pelos meus inimigos, os Awgwas, e deixado para perecer miseravelmente. Mas agora imploro a vossa ajuda para me libertar e me enviar de volta ao lar.

— Tens o sinal? — perguntou outro.

— Sim — disse Noel.

Eles cortaram suas amarras e, com os braços livres, ele fez o sinal secreto dos Knooks.

Imediatamente o ajudaram a se levantar e lhe trouxeram comida e bebida para fortalecê-lo.

— Nossos irmãos de Burzee fazem amizades estranhas — resmungou um velho Knook cuja longa barba era completamente branca. — Mas aquele que conhece nosso sinal e nosso chamado tem direito à nossa ajuda, seja quem for. Fecha os olhos, estrangeiro, e te conduziremos de volta ao teu lar. Onde fica ele?

— No Vale Risonho — respondeu Noel fechando os olhos.

— Há apenas um Vale Risonho no mundo conhecido, então não podemos errar — comentou o Knook.

Enquanto falava, a voz pareceu desaparecer no ar, e Noel abriu os olhos para ver o que causara aquela mudança. Para sua surpresa, viu-se sentado no banco à porta de sua própria casa, com o Vale Risonho se estendendo diante de si. Naquele dia, ele visitou as Ninfas da Floresta e contou sua aventura à Rainha Zurline e à Necile.

— Os Awgwas tornaram-se teus inimigos — disse a bela Rainha, pensativa —, então faremos tudo o que pudermos para te proteger do poder deles.

— Foi covarde amarrá-lo enquanto dormia — disse Necile, indignada.

— Os maus são sempre covardes — respondeu Zurline —, mas o sono do nosso amigo não será mais perturbado. Naquela noite, a própria Rainha veio até a casa de Noel e colocou seu Selo em cada porta e janela, para impedir a entrada dos Awgwas. E sob o Selo da Rainha Zurline foi colocado o Selo das Fadas, o Selo dos Ryls e os Selos dos Knooks, para que o encanto se tornasse ainda mais poderoso.

E Noel voltou a levar seus brinquedos às crianças e fez muitos pequenos felizes.

Você pode imaginar a fúria do Rei Awgwa e de sua feroz tropa ao saberem que Noel havia escapado da Floresta de Ethop.

Eles ficaram furiosos durante uma semana inteira e depois fizeram outra reunião entre as rochas.

— É inútil levá-lo aonde reinam os Knooks — disse o Rei —, pois ele está sob a proteção deles. Então vamos jogá-lo em uma caverna das nossas montanhas, onde certamente perecerá.

Isso foi rapidamente aceito, e o bando maligno partiu naquela mesma noite para capturar Noel. Mas encontraram sua casa protegida pelos Selos dos Imortais e foram obrigados a se retirar, frustrados e decepcionados.

— Não importa — disse o Rei —, ele não dorme o tempo todo!

No dia seguinte, enquanto Noel viajava pela planície rumo a uma aldeia, onde pretendia entregar um esquilo de brinquedo a um menino aleijado, foi repentinamente atacado pelos Awgwas, que o capturaram e o levaram para as montanhas.

Lá, o empurraram para dentro de uma caverna profunda e rolaram enormes pedras contra a entrada, impedindo qualquer fuga.

Privado de luz e alimento, e com pouco ar para respirar, nosso Noel estava, de fato, em uma situação lamentável. Mas ele pronunciou as palavras místicas das Fadas, que sempre invocam sua ajuda amiga, e elas vieram em seu socorro, transportando-o de volta ao Vale Risonho num piscar de olhos.

Assim, os Awgwas descobriram que não podiam destruir alguém que havia conquistado a amizade dos imortais. Então, o bando do mal tentou outros meios de impedir Noel de levar felicidade às crianças e assim torná-las obedientes.

Sempre que Noel partia para entregar brinquedos aos pequenos, um Awgwa, incumbido de vigiá-lo, saltava sobre ele e lhe arrancava os brinquedos das mãos. E as crianças ficavam tão desapontadas quanto Noel, que voltava para casa desolado. Mesmo assim, ele perseverava, fazia mais brinquedos para seus pequenos amigos e partia novamente para as vilas. Mas os Awgwas sempre o roubavam assim que ele deixava o Vale.

Jogavam os brinquedos roubados em uma de suas cavernas solitárias, e logo se formou um monte de brinquedos antes que Noel ficasse desanimado e desistisse de sair do Vale. Então, as crianças começaram a ir até ele, já que perceberam que ele não vinha mais. Mas os perversos Awgwas voavam ao redor delas, desviando seus passos e tornando os caminhos tortuosos, de forma que nenhuma delas conseguia encontrar o caminho para o Vale Risonho.

Dias solitários caíram sobre Noel, pois lhe foi negado o prazer de levar alegria às crianças que aprendera a amar. Mesmo assim, manteve-se firme, acreditando que chegaria o dia em que os Awgwas abandonariam seus planos malignos contra ele.

Ele passou a dedicar todas as suas horas à fabricação de brinquedos, e a cada vez que terminava um, colocava-o em uma prateleira feita especialmente para

isso. Quando a prateleira se enchia de brinquedos coloridos, fazia outra — e também a enchia. Com o tempo, acumulou várias prateleiras com brinquedos alegres e belos, representando cavalos, cães, gatos, elefantes, cordeiros, coelhos e cervos, além de lindas bonecas de todos os tamanhos, bolinhas e bolas de argila pintadas com cores vivas.

Frequentemente, ao olhar para esse tesouro infantil, o coração do bom e velho Noel se entristecia, tamanha era sua vontade de levar os brinquedos às crianças. E por fim, por não aguentar mais, decidiu ir até o grande Ak, a quem contou a história de sua perseguição pelos Awgwas e suplicou ao Mestre das Florestas que o ajudasse.

Capítulo 14: A Grande Batalha entre o Bem e o Mal

Ak escutou com seriedade o relato de Noel, acariciando a barba enquanto fazia um movimento lento e gracioso que indicava reflexão profunda. Ele assentiu com aprovação quando Noel contou como os Knooks e as Fadas o haviam salvado da morte, e franziu o cenho ao ouvir como os Awgwas haviam roubado os brinquedos das crianças. Por fim, disse:

— Desde o início eu aprovei o trabalho que você vem fazendo entre as crianças dos homens, e me incomoda que seus bons feitos estejam sendo frustrados pelos Awgwas. Nós, imortais, não temos qualquer ligação com essas criaturas malignas que o atacaram. Sempre os

evitamos, e eles, por sua vez, até agora cuidaram para não cruzar nosso caminho. Mas, neste caso, vejo que interferiram com um de nossos amigos, e pedirei que abandonem suas perseguições, pois você está sob nossa proteção.

Noel agradeceu profundamente ao Mestre dos Bosques e retornou ao seu Vale, enquanto Ak, que nunca adia o cumprimento de suas promessas, partiu imediatamente rumo às montanhas dos Awgwas.

Ali, de pé sobre as rochas nuas, chamou o Rei e seu povo para que aparecessem.

Instantaneamente, o lugar se encheu de multidões de Awgwas carrancudos, e seu Rei, empoleirando-se num ponto de pedra, exigiu furioso:

— Quem ousa nos chamar?

— Sou eu, o Mestre dos Bosques do Mundo — respondeu Ak.

— Aqui não há florestas para você reivindicar — gritou o Rei, irado. — Não devemos lealdade a você, nem a qualquer imortal!

— Isso é verdade — replicou Ak, com calma. — No entanto, vocês se atreveram a interferir nas ações de Noel, que vive no Vale Risonho e está sob nossa proteção.

Muitos Awgwas começaram a resmungar ao ouvir isso, e seu Rei voltou-se ameaçadoramente para o Mestre dos Bosques.

— Você foi designado para governar as florestas, mas as planícies e os vales são nossos! — gritou. — Fique em suas florestas sombrias! Faremos o que quisermos com Noel.

— Vocês não farão mal algum ao nosso amigo! — respondeu Ak.

— Não faremos? — questionou o Rei, com insolência. — Veremos! Nossos poderes são vastamente superiores aos dos mortais, e tão grandes quanto os dos imortais.

— É a sua arrogância que o engana! — disse Ak, severamente. — Vocês são uma raça passageira, que vai da vida ao nada. Nós, que vivemos para sempre, sentimos pena mas também desprezo por vocês. Na Terra, são desprezados por todos, e no Céu, não têm lugar! Até os mortais, após sua vida terrena, entram em outra existência eterna, e por isso são seus superiores. Como então se atrevem, sendo vocês nem mortais nem imortais, a recusar-se a obedecer meu pedido?

Os Awgwas saltaram com gestos ameaçadores, mas seu Rei os conteve com um gesto.

— Nunca antes — gritou ele a Ak, com a voz trêmula de raiva — um imortal se declarou mestre dos Awgwas!

Nunca mais um imortal ousará interferir em nossas ações! Pois vingaremos suas palavras insolentes matando seu amigo Noel dentro de três dias. Nem você, nem todos os imortais, poderão salvá-lo de nossa fúria.

Desafiamos seus poderes! Vá embora, Mestre dos Bosques do Mundo! Na terra dos Awgwas, você não tem lugar.

— É guerra! — declarou Ak, com os olhos faiscando.

— É guerra! — replicou o Rei, ferozmente. — Em três dias, seu amigo estará morto.

O Mestre afastou-se e retornou à sua Floresta de Burzee, onde convocou uma reunião dos imortais e

contou-lhes sobre o desafio dos Awgwas e seu plano de matar Noel em três dias.

Os pequenos seres o ouviram em silêncio.

— O que faremos? — perguntou Ak.

— Essas criaturas não trazem benefício algum ao mundo

— disse o Príncipe dos Knooks — devemos destruí-las.

— Suas vidas são devotadas apenas a atos malignos —

disse o Príncipe dos Ryls. — Devemos destruí-las.

— Elas não têm consciência, e tentam tornar todos os

mortais tão maus quanto elas — disse a Rainha das

Fadas. — Devemos destruí-las.

— Elas desafiaram o grande Ak e ameaçam a vida do

nosso filho adotivo — disse a bela Rainha Zurline. —

Devemos destruí-las.

O Mestre dos Bosques sorriu.

— Vocês falam bem — disse ele. — Sabemos que os

Awgwas são uma raça poderosa, e lutarão

desesperadamente; mas o resultado é certo. Pois nós,

que vivemos, nunca podemos morrer, mesmo que sejamos

vencidos por nossos inimigos, enquanto cada Awgwa que

for derrubado será um inimigo a menos para nos

enfrentar. Preparem-se, então, para a batalha, e

decidamos não mostrar misericórdia aos perversos!

Assim começou aquela terrível guerra entre os imortais

e os espíritos do mal, que é cantada nas Terras das

Fadas até os dias de hoje.

O Rei Awgwa e seu grupo decidiram cumprir a ameaça

de destruir Noel. Agora o odiavam por dois motivos: ele

fazia as crianças felizes e era amigo do Mestre dos

Bosques. Mas desde a visita de Ak, temiam a oposição

dos imortais, e temiam ser derrotados. Então, o Rei

enviou mensageiros velozes a todas as partes do mundo para convocar toda criatura maligna para ajudá-lo. E no terceiro dia após a declaração de guerra, um exército poderoso estava sob o comando do Rei Awgwa. Havia trezentos Dragões Asiáticos, cuspiendo fogo que consumia tudo o que tocava. Eles odiavam a humanidade e todos os bons espíritos. Havia também os Gigantes de Três Olhos da Tartária, uma força por si só, que não gostavam de nada mais do que lutar. Em seguida vieram os Demônios Negros da Patalônia, com asas largas como as de um morcego, que espalhavam terror e miséria pelo mundo ao baterem no ar. E juntando-se a eles estavam os Goozzle-Goblins, com garras longas e afiadas como espadas, com as quais arrancavam a carne de seus inimigos. Por fim, cada Awgwa das montanhas do mundo veio participar da grande batalha contra os imortais. O Rei Awgwa olhou para seu vasto exército e seu coração se encheu de orgulho perverso, pois acreditava que certamente triunfaria sobre seus gentis inimigos, que nunca haviam sido conhecidos por lutar. Mas o Mestre dos Bosques não havia estado ocioso. Nenhum de seu povo estava acostumado à guerra, mas agora que eram chamados a enfrentar as forças do mal, prepararam-se de bom grado para o combate. Ak ordenou que se reunissem no Vale do Riso, onde Noel, ignorante da terrível guerra que estava prestes a ser travada por sua causa, fabricava seus brinquedos tranquilamente. Logo, todo o Vale, de colina a colina, estava repleto de pequenos imortais. O Mestre dos Bosques estava à frente, empunhando um machado reluzente que brilhava

como prata polida. Em seguida vinham os Ryls, armados com espinhos afiados de sarças. Depois os Knooks, portando as lanças que usavam para domar suas feras selvagens. As Fadas, vestidas de gaze branca com asas em tons de arco-íris, levavam varinhas douradas, e as Ninfas da Floresta, com uniformes verde-folha de carvalho, carregavam varas de freixo como armas. O Rei Awgwa riu alto ao ver o tamanho e as armas de seus inimigos. De fato, o machado do Lenhador era de se temer, mas as Ninfas de rosto doce e as Fadas bonitas, os gentis Ryls e os tortuosos Knooks eram criaturas tão inofensivas que ele quase sentiu vergonha de ter convocado um exército tão terrível para enfrentá-los.

— Já que esses tolos ousam lutar — disse ele ao líder dos gigantes de Tártaria — vou esmagá-los com nossos poderes malignos!



Para iniciar a batalha, ele ergueu uma grande pedra com a mão esquerda e a lançou com força contra a robusta figura do Mestre Lenhador, que a desviou com seu machado. Então os Gigantes de Três Olhos da Tartária avançaram contra os Knooks, os Goblins Goozzle atacaram os Ryls e os dragões cuspidores de fogo se lançaram sobre as doces Fadas. Como as Ninfas eram o próprio povo de Ak, o grupo dos Awgwas foi diretamente contra elas, acreditando que seriam fáceis de derrotar.

Mas é a Lei que, enquanto o Mal, quando não combatido, pode realizar feitos terríveis, os poderes do Bem jamais podem ser derrotados quando enfrentam o Mal. Teria sido melhor para o Rei Awgwa se ele conhecesse essa Lei!

Sua ignorância lhe custou a própria existência, pois um único golpe do machado empunhado pelo Mestre Lenhador do Mundo partiu o rei perverso ao meio, livrando a Terra da criatura mais vil que ela continha. Os Gigantes da Tartária ficaram extremamente surpresos quando as lanças dos pequenos Knooks atravessaram suas grossas peles e os derrubaram no chão com uivos de agonia.

Desgraça recaiu sobre os Goblins de garras afiadas quando os espinhos dos Ryls atingiram seus corações selvagens, fazendo seu sangue vital espalhar-se pelo campo. E, depois, de cada gota brotou um cardo.

Os Dragões pararam, atônitos, diante das varinhas das Fadas, das quais emanava um poder que fazia o sopro flamejante voltar contra eles mesmos, fazendo-os murchar e morrer.

Quanto aos Awgwas, mal tiveram tempo de perceber como estavam sendo destruídos, pois os galhos de freixo das Ninfas continham um encanto desconhecido por qualquer Awgwa, e transformavam seus inimigos em torrões de terra ao menor toque!

Quando Ak se apoiou em seu reluzente machado e olhou sobre o campo de batalha, viu os poucos Gigantes que ainda podiam correr desaparecendo nas colinas distantes, voltando para a Tartária. Os Goblins haviam todos perecido, assim como os terríveis Dragões, e tudo

o que restava dos perversos Awgwas era um grande número de montículos de terra espalhados pelo campo. E então os imortais desapareceram do Vale como orvalho ao nascer do sol, para retomar seus deveres na Floresta, enquanto Ak caminhava lenta e pensativamente até a casa de Noel e entrou.

“Você tem muitos brinquedos prontos para as crianças,” disse o Lenhador, “e agora pode levá-los pelas planícies até as casas e vilarejos sem medo.”

“Os Awgwas não vão me fazer mal?” perguntou Noel, ansioso.

“Os Awgwas,” disse Ak, “pereceram!”

Agora me alegra poder encerrar o assunto dos espíritos malignos, da luta e do derramamento de sangue. Não foi por escolha que falei dos Awgwas e seus aliados, nem de sua grande batalha com os imortais. Eles fazem parte desta história e não puderam ser ignorados.

Capítulo 15: A Primeira Viagem com as Renas

Aqueles foram dias felizes para Noel, quando ele levava sua pilha de brinquedos às crianças que os aguardavam havia tanto tempo. Durante seu aprisionamento no Vale, ele havia sido tão produtivo que todas as suas prateleiras estavam cheias de brinquedos, e, depois de atender rapidamente às crianças que viviam por perto, viu que agora precisava expandir suas viagens para campos mais distantes.

Lembrando-se do tempo em que havia viajado com Ak por todo o mundo, ele sabia que havia crianças em todos os lugares, e ansiava em tornar o maior número possível delas feliz com seus presentes.

Então, ele carregou um grande saco com todos os tipos de brinquedos, o pendurou nas costas para carregá-lo com mais facilidade e partiu numa viagem mais longa do que qualquer outra que já tivesse feito.

Onde quer que mostrasse seu rosto alegre — em vilarejos ou fazendas — era calorosamente recebido, pois sua fama já havia se espalhado por terras distantes. Em cada vila, as crianças se aglomeravam ao seu redor, seguindo seus passos por onde quer que ele fosse; e as mulheres o agradeciam com gratidão pela alegria que ele trazia aos pequenos; e os homens o olhavam com curiosidade por ele dedicar seu tempo a uma ocupação tão estranha quanto fazer brinquedos. Mas todos lhe sorriam e lhe ofereciam palavras gentis, e Noel se sentia amplamente recompensado pela longa jornada.

Quando o saco estava vazio, ele voltou ao Vale do Riso e o encheu novamente até a borda. Dessa vez, seguiu por outra estrada, rumo a uma parte diferente do país, e levou felicidade a muitas crianças que nunca antes tinham tido um brinquedo ou sequer imaginavam que algo tão encantador pudesse existir.

Após uma terceira viagem — tão distante que Noel levou muitos dias caminhando — seu estoque de brinquedos acabou, e ele começou sem demora a fazer uma nova leva.

Ao ver tantas crianças e estudar seus gostos, Noel teve várias novas ideias sobre brinquedos.

As bonecas eram, ele descobriu, os brinquedos mais encantadores para bebês e meninas pequenas, e frequentemente aquelas que nem sabiam dizer “boneca” pediam por uma com suas doces vozes infantis. Assim, Noel decidiu fazer muitas bonecas, de todos os tamanhos, e vesti-las com roupas coloridas e brilhantes. Os meninos mais velhos — e até algumas meninas — amavam figuras de animais, então ele continuou fazendo gatos, elefantes e cavalos. E muitos dos pequenos tinham um espírito musical e desejavam tambores, pratos, apitos e cornetas. Assim, ele fez vários tambores de brinquedo, com baquetas minúsculas; apitos de ramos de salgueiro; corneta de juncos do pântano; e pratos com pedaços de metal batido.

Tudo isso o manteve ocupado no trabalho, e antes que percebesse, chegou o inverno, com neves mais profundas que o habitual, e ele soube que não poderia sair do Vale com seu pesado fardo. Além disso, a próxima viagem o levaria mais longe de casa do que nunca, e Jack Frost era travesso o bastante para beliscar seu nariz e orelhas se ele tentasse a longa jornada enquanto o Rei da Geada reinava. O Rei da Geada era pai de Jack e nunca o repreendia por suas travessuras.

Então Noel permaneceu em sua bancada de trabalho; mas assobiava e cantava tão alegre quanto sempre, pois não permitiria que uma decepção azedasse seu humor ou o deixasse infeliz.

Certa manhã brilhante, ele olhou pela janela e viu dois dos cervos que conhecia da Floresta caminhando em direção à sua casa.

Noel ficou surpreso — não por os cervos amigáveis o visitarem, mas por estarem caminhando sobre a superfície da neve com tanta facilidade, como se fosse chão firme, embora em todo o Vale a neve estivesse com vários metros de profundidade. Ele havia saído de casa um ou dois dias antes e afundado até as axilas em um monte de neve.

Quando os cervos se aproximaram, ele abriu a porta e os chamou:

— Bom dia, Flossie! Diga-me como você consegue andar na neve tão facilmente.

— Está congelada — respondeu Flossie.

— O Rei da Geada soprou sobre ela — disse Glossie, chegando perto — e a superfície agora está tão sólida quanto gelo.

— Talvez — comentou Noel, pensativo —, eu possa agora carregar meu saco de brinquedos até as crianças.

— É uma viagem longa? — perguntou Flossie.

— Sim; levará muitos dias, pois o fardo é pesado — respondeu Noel.

— Então a neve derreteria antes de você voltar — disse o cervo. — Você deve esperar até a primavera, Noel.

Noel suspirou.

— Se eu tivesse seus pés ágeis — disse ele — poderia fazer a viagem em um dia.

— Mas você não tem — devolveu Glossie, olhando com orgulho para suas pernas esguias.

— Talvez eu pudesse montar nas suas costas — arriscou Noel, após uma pausa.

— Oh, não; nossas costas não são fortes o suficiente para suportar seu peso — disse Flossie, decidida. — Mas

se você tivesse um trenó e pudesse nos atrelar a ele, talvez pudéssemos puxá-lo com facilidade, e também seu saco.

— Farei um trenó! — exclamou Noel. — Vocês concordam em me puxar se eu fizer isso?

— Bem — respondeu Flossie — primeiro devemos ir perguntar aos Knooks, que são nossos guardiões, se podemos. Mas, se eles consentirem e você puder fazer o trenó e a atrelagem, ajudaremos com prazer.

— Então vão agora mesmo! — gritou Noel, animado. — Tenho certeza de que os amáveis Knooks darão permissão, e até vocês voltarem eu estarei pronto para atrelar vocês ao meu trenó.

Flossie e Glossie, sendo cervos muito inteligentes, há muito desejavam ver o grande mundo, então correram felizes sobre a neve congelada para pedir permissão aos Knooks para carregar Noel em sua jornada.

Enquanto isso, o fabricante de brinquedos começou apressadamente a construir um trenó, usando madeira da sua pilha. Fez dois patins longos, curvados nas pontas da frente, e sobre eles pregou tábuas curtas para formar uma plataforma. Logo ficou pronto, mas era o mais rústico possível.

A atrelagem foi mais difícil de preparar, mas Noel torceu cordas fortes e as amarrou para que se ajustassem ao redor dos pescoços dos cervos, como colares. Desses colares, outras cordas se estendiam para prender os cervos à frente do trenó.

Antes de o trabalho terminar, Glossie e Flossie estavam de volta da Floresta, tendo recebido permissão de Will Knook para fazer a viagem com Noel, com a condição de

que estivessem de volta a Burzee antes do amanhecer no dia seguinte.

— Isso não é muito tempo — disse Flossie — mas somos rápidos e fortes, e se partirmos esta noite, podemos viajar muitos quilômetros durante a noite.

Noel decidiu tentar, e apressou os preparativos o máximo que pôde. Depois de algum tempo, prendeu os colares ao pescoço dos cervos e os atrelou ao seu trenó rústico. Em seguida, colocou um banquinho na pequena plataforma, para servir de assento, e encheu um saco com seus brinquedos mais bonitos.

— Como pretende nos guiar? — perguntou Glossie. — Nunca saímos da Floresta antes, exceto para visitar sua casa, então não saberemos o caminho.

Noel pensou nisso por um momento. Depois trouxe mais cordas e amarrou duas em cada lado das galhadas dos cervos — uma à direita e outra à esquerda.



— Estas serão minhas rédeas — disse Noel — e quando eu puxar para a direita ou para a esquerda, vocês devem ir nessa direção. Se eu não puxar nenhuma, podem seguir em frente.

— Muito bem — responderam Glossie e Flossie. Então perguntaram: — Está pronto?

Noel se sentou no banquinho, colocou o saco de brinquedos aos pés e pegou as rédeas.

— Tudo pronto! — gritou. — Lá vamos nós!

O cervo se inclinou para frente, ergueu seus membros esguios e, no momento seguinte, o trenó saiu voando sobre a neve congelada. A velocidade do movimento surpreendeu Noel, pois com apenas alguns passos já estavam do outro lado do Vale, deslizando pela planície além.

O dia já havia derretido em noite quando partiram; pois, por mais rapidamente que Noel tivesse trabalhado, muitas horas foram consumidas com os preparativos. Mas a lua brilhava intensamente para iluminar o caminho, e Noel logo decidiu que viajar à noite era tão agradável quanto durante o dia.

Os cervos gostaram mais assim; pois, embora quisessem ver um pouco do mundo, eram tímidos quanto a encontrar homens, e agora todos os moradores das cidades e fazendas estavam dormindo profundamente e não podiam vê-los.

Lá se foram, velozes, colina após colina, vale após vale, planície após planície, até que chegaram a uma vila onde Noel nunca havia estado antes.

Ali, ele pediu que parassem, e os cervos obedeceram imediatamente. Mas surgiu uma nova dificuldade: as pessoas haviam trancado suas portas ao irem dormir, e Noel descobriu que não podia entrar nas casas para deixar seus brinquedos.

— Receio, meus amigos, que tenhamos feito nossa jornada em vão — disse ele — pois serei obrigado a levar os brinquedos de volta para casa sem entregá-los às crianças desta vila.

— Qual é o problema? — perguntou Flossie.

— As portas estão trancadas — respondeu Noel — e não posso entrar.

Glossie olhou ao redor para as casas. A neve estava bastante alta naquela vila e, bem diante deles, havia um telhado a poucos metros acima do trenó. No topo do telhado havia uma chaminé larga, que parecia, aos olhos de Glossie, grande o suficiente para permitir a passagem de Noel.

— Por que você não desce por aquela chaminé? — perguntou Glossie.

Noel a observou.

— Isso seria fácil se eu estivesse no telhado — respondeu.

— Então segure firme, que nós o levaremos até lá — disseram os cervos, e com um salto aterrissaram no telhado, ao lado da grande chaminé.

— Ótimo! — exclamou Noel, satisfeito, e colocou o saco de brinquedos sobre o ombro, entrando na chaminé.

Havia bastante fuligem nos tijolos, mas ele não se importou com isso, e, apoiando mãos e joelhos nos lados, desceu até alcançar a lareira. Saltando com leveza sobre as brasas ainda fumegantes, encontrou-se numa ampla sala de estar, onde uma luz fraca estava acesa.

Dessa sala saíam duas portas para cômodos menores. Em um deles, uma mulher dormia com um bebê ao lado, em um berço.

Noel sorriu, mas não riu em voz alta para não acordar o bebê. Então tirou do saco uma grande boneca e a colocou no berço. A criancinha sorriu, como se estivesse sonhando com o belo brinquedo que encontraria pela

manhã, e Noel saiu silenciosamente do quarto e entrou pela outra porta.

Ali dormiam dois meninos, com os braços entrelaçados um no outro. Noel os olhou com carinho por um momento e depois colocou na cama um tambor, dois apitos e um elefante de madeira.

Não se demorou, pois já havia cumprido sua tarefa naquela casa, e então subiu novamente pela chaminé e se sentou no trenó.

— Conseguem encontrar outra chaminé? — perguntou aos cervos.

— Facilmente — responderam Glossie e Flossie.

Correram até a beirada do telhado e, sem parar, saltaram pelo ar até o topo do prédio seguinte, onde havia uma enorme e antiga chaminé.

— Não demore tanto desta vez — disse Flossie —, ou nunca chegaremos de volta à Floresta antes do amanhecer.

Noel também desceu por essa chaminé e encontrou cinco crianças dormindo na casa, todas rapidamente presenteadas com brinquedos.

Ao retornar, os cervos saltaram para o telhado seguinte, mas, ao descer por aquela chaminé, Noel não encontrou nenhuma criança na casa. Isso não era comum naquela vila, mas ele perdeu menos tempo do que se imagina ao visitar lares sem pequenos.

Quando já havia descido pelas chaminés de todas as casas da vila e deixado um brinquedo para cada criança dormindo, Noel percebeu que seu grande saco ainda estava pela metade.

— Avante, amigos! — chamou aos cervos — Precisamos encontrar outra vila.

E lá foram eles, mesmo sendo muito depois da meia-noite, e em surpreendentemente pouco tempo chegaram a uma grande cidade — a maior que Noel já havia visitado desde que começou a fazer brinquedos. Mas, sem se intimidar com a multidão de casas, ele pôs-se a trabalhar de imediato, e seus belos cervos o levaram rapidamente de um telhado ao outro, sendo apenas os mais altos inacessíveis aos ágeis pulos dos animais.

Por fim, a reserva de brinquedos se esgotou e Noel se sentou no trenó, com o saco vazio aos pés, e virou os cervos Glossie e Flossie na direção de casa.

Pouco depois, Flossie perguntou:

— O que é aquela faixa cinza no céu?

— É a aurora que se aproxima — respondeu Noel, surpreso por ser tão tarde.

— Puxa vida! — exclamou Glossie — Então não chegaremos em casa antes do amanhecer, e os Knooks nos punirão e nunca mais nos deixarão sair!

— Precisamos correr para o Vale Risonho e fazer nossa melhor velocidade — disse Flossie — então segure firme, amigo Noel!

Noel segurou firme e no momento seguinte voava tão rapidamente sobre a neve que já não conseguia ver as árvores passando. Subindo e descendo colinas, rápidos como uma flecha disparada de um arco, eles avançaram, e Noel fechou os olhos para proteger-se do vento, deixando os cervos acharem o caminho por si.

Parecia a ele que estavam mergulhando no espaço, mas não sentia medo algum. Os Knooks eram mestres

severos, e deviam ser obedecidos a todo custo — e a faixa cinza no céu se tornava mais brilhante a cada instante.

Finalmente, o trenó parou de repente e Noel, pego de surpresa, caiu do assento direto em um monte de neve. Ao se levantar, ouviu os cervos gritarem:

— Rápido, amigo, rápido! Corte as correias!

Ele puxou o canivete e rapidamente cortou as amarras. Depois limpou a umidade dos olhos e olhou ao redor.

O trenó havia parado no Vale Risonho, a poucos metros, ele viu, de sua própria porta. No leste, o dia começava a nascer, e ao voltar-se para a orla de Burzee, viu Glossie e Flossie desaparecendo na Floresta.

Capítulo 16: “Papai Noel”

Noel achava que nenhuma das crianças jamais saberia de onde vinham os brinquedos que encontravam ao lado de suas camas ao acordarem na manhã seguinte. Mas boas ações inevitavelmente trazem fama, e a fama tem muitas asas para levar suas notícias a terras distantes; assim, por milhas e milhas em todas as direções, as pessoas falavam sobre Noel e seus presentes maravilhosos para as crianças. A doçura e generosidade de seu trabalho fez com que alguns poucos egoístas zombassem dele, mas até mesmo esses foram obrigados a admitir seu respeito por um homem de natureza tão gentil que se dedicava com amor a agradar os pequeninos indefesos de sua raça.

Por isso, os habitantes de cada cidade e vila aguardavam ansiosamente a chegada de Noel, e histórias notáveis

sobre seus lindos brinquedos eram contadas às crianças para mantê-las pacientes e felizes.

Quando, na manhã seguinte à primeira viagem de Noel com seus cervos, os pequenos correram até seus pais com os brinquedos encantadores que haviam encontrado e perguntaram de onde tinham vindo, só havia uma resposta possível para essa pergunta:



— O bom Noel deve ter passado por aqui, meus queridos; pois os brinquedos dele são os únicos em todo o mundo!

— Mas como ele entrou? — perguntaram as crianças.

A isso, os pais balançaram a cabeça, pois nem eles mesmos

conseguiam entender como Noel havia conseguido entrar em suas casas; mas as mães, observando os rostos felizes de seus pequenos, sussurraram que o bom Noel não era um homem mortal, mas certamente um Santo, e piedosamente bendiziam seu nome pela felicidade que ele havia proporcionado aos seus filhos, chamando-o de Papai carinhosamente.

— Um Papai que cuida das crianças — disse uma delas, com a cabeça curvada — não precisa destrancar portas se quiser entrar em nossos lares.

E, depois disso, quando uma criança se comportava mal ou era desobediente, sua mãe dizia:

— Você precisa rezar ao bom Papai Noel pedindo perdão. Ele não gosta de crianças malcriadas, e, a menos que se

arrependa, ele não trará mais brinquedos bonitos para você.

Mas o próprio Papai Noel não teria aprovado esse tipo de fala. Ele levava brinquedos às crianças porque elas eram pequenas e indefesas, e porque ele as amava.

Sabia que as melhores crianças às vezes eram travessas, e que as travessas muitas vezes eram boas. Assim são as crianças, no mundo todo, e ele não mudaria suas naturezas nem se tivesse o poder para isso.

E foi assim que nosso Noel tornou-se Papai Noel. É possível que qualquer homem, por meio de boas ações, consagre-se como um Santo paternal no coração das pessoas.

Capítulo 17: Véspera de Natal

O dia que amanheceu quando Noel retornava de sua viagem noturna com Glossie e Flossie trouxe-lhe um novo problema. Will Knook, o guardião-chefe dos cervos, veio até ele, mal-humorado e irritado, para reclamar que ele havia mantido Glossie e Flossie além do amanhecer, contrariando suas ordens.

— Mas não deve ter sido muito depois do amanhecer — disse Noel.

— Foi um minuto depois — respondeu Will Knook — e isso é tão grave quanto uma hora. Vou mandar os mosquitos ferrões atacarem Glossie e Flossie, e assim eles sofrerão terrivelmente por sua desobediência.

— Não faça isso! — implorou Noel. — A culpa foi minha. Mas Will Knook não quis ouvir desculpas e foi embora resmungando e resfolegando, do seu jeito rabugento.

Por isso, Noel entrou na Floresta para consultar Necile sobre como salvar os bons cervos do castigo. Para sua alegria, encontrou seu velho amigo, o Mestre Lenhador, sentado no círculo das Ninfas.

Ak ouviu a história da jornada noturna até as crianças e da grande ajuda que os cervos haviam dado a Noel ao puxar seu trenó pela neve congelada.

— Não quero que meus amigos sejam punidos se posso salvá-los — disse o fabricante de brinquedos, quando terminou seu relato. — Eles se atrasaram apenas um minuto, e correram mais rápido que os pássaros para tentar voltar antes do amanhecer.

Ak acariciou a barba pensativo por um momento e, então, mandou chamar o Príncipe dos Knooks, que governa todo o seu povo em Burzee, além da Rainha das Fadas e do Príncipe dos Ryls.

Quando todos estavam reunidos, Noel contou sua história novamente, a pedido de Ak, e então o Mestre se dirigiu ao Príncipe dos Knooks, dizendo:

— O bom trabalho que Noel está fazendo entre os humanos merece o apoio de todo imortal honesto. Já o chamam de Santo em algumas cidades, e em breve o nome de Papai Noel será carinhosamente conhecido em todos os lares abençoados com crianças. Além disso, ele é filho de nossa Floresta, então devemos encorajá-lo.

Você, Regente dos Knooks, o conhece há muitos anos; estou errado em dizer que ele merece nossa amizade?

O Príncipe, torto e de expressão azeda como todos os Knooks, olhou apenas para as folhas secas aos seus pés e murmurou:

— Você é o Mestre Lenhador do Mundo!

Ak sorriu, mas continuou, em tom suave:

— Parece que os cervos protegidos por seu povo podem ser de grande ajuda para Noel, e como eles parecem dispostos a puxar seu trenó, peço que permita que ele utilize seus serviços sempre que desejar.

O Príncipe não respondeu, apenas bateu com a ponta do bastão na ponta curva de sua sandália, como se estivesse pensando.

Então a Rainha das Fadas falou com ele:

— Se você consentir com o pedido de Ak, eu garantirei que nenhum mal aconteça aos seus cervos enquanto estiverem fora da Floresta.

E o Príncipe dos Ryls acrescentou:

— Da minha parte, permitirei que todo cervo que ajudar Noel coma minhas plantas casa, que dão força, minhas grawle, que dão velocidade, e minhas marbon, que dão longa vida.

E a Rainha das Ninfas disse:

— Os cervos que puxarem o trenó de Noel poderão banhar-se no lago de Nares, o que lhes dará pelagens brilhantes e uma beleza maravilhosa.

Ouvindo essas promessas, o Príncipe dos Knooks se remexeu inquieto em seu assento, pois, no fundo, detestava recusar um pedido de seus companheiros imortais, embora estivessem lhe pedindo um favor incomum, e os Knooks não são dados a conceder favores de espécie alguma. Por fim, ele se virou para seus servos e disse:

— Chamem Will Knook.

Quando o rabugento Will chegou e ouviu as exigências dos imortais, protestou alto contra concedê-las.

— Cervos são cervos — disse ele — e nada além de cervos. Se fossem cavalos, seria justo arreá-los como cavalos. Mas ninguém atrela cervos, pois são criaturas livres e selvagens, que não devem nenhum serviço à humanidade. Seria degradante para meus cervos trabalharem para Noel, que é apenas um homem, apesar da amizade que os imortais lhe concedem.

— Você ouviu — disse o Príncipe a Ak. — Há verdade no que Will diz.

— Chamem Glossie e Flossie — ordenou o Mestre.

Os cervos foram trazidos à reunião, e Ak lhes perguntou se se opunham a puxar o trenó para Noel.

— De jeito nenhum! — respondeu Glossie. — Gostamos muito da viagem.

— E tentamos voltar antes do amanhecer — acrescentou Flossie — mas, infelizmente, nos atrasamos um minuto.

— Um minuto perdido ao amanhecer não importa — disse Ak. — Vocês estão perdoados por esse atraso.

— Desde que não aconteça novamente — disse o Príncipe dos Knooks, severamente.

— E você permitirá que façam outra viagem comigo? — perguntou Noel, ansioso.

O Príncipe refletiu, enquanto observava Will, que franzia o cenho, e o Mestre Lenhador, que sorria.

Então ele se levantou e falou à assembleia:

— Já que todos insistem para que eu conceda esse favor, permitirei que os cervos acompanhem Noel uma vez por ano, na véspera de Natal, desde que sempre retornem à Floresta antes do amanhecer. Ele poderá escolher quantos quiser, até dez, para puxar seu trenó, e estes serão conhecidos entre nós como Renas, para distingui-

los dos demais. Eles se banharão no Lago de Nares, comerão as plantas casa, grawle e marbon, e estarão sob proteção especial da Rainha das Fadas. E agora, pare de fazer caretas, Will Knook, pois minhas palavras serão obedecidas!

Ele se afastou rapidamente entre as árvores, para evitar os agradecimentos de Noel e a aprovação dos outros imortais, e Will, com o mesmo ar carrancudo de sempre, seguiu atrás dele.

Mas Ak estava satisfeito, sabendo que podia confiar na promessa do Príncipe, mesmo que dada a contragosto; e Glossie e Flossie correram para casa, saltitando de alegria a cada passo.

— Quando é a véspera de Natal? — perguntou Noel ao Mestre.

— Dentro de uns dez dias — respondeu ele.

— Então não poderei usar os cervos este ano — disse Noel, pensativo — pois não terei tempo suficiente para encher meu saco com brinquedos.

— O astuto Príncipe previu isso — respondeu Ak — e por isso escolheu a véspera de Natal como o dia em que você poderá usar os cervos, sabendo que isso o faria perder um ano inteiro.

— Se eu ao menos tivesse os brinquedos que os Awgwas me roubaram — disse Noel, triste — eu facilmente encheria o saco para as crianças.

— Onde eles estão? — perguntou o Mestre.

— Não sei — respondeu Noel — mas os perversos Awgwas provavelmente os esconderam nas montanhas.

Ak voltou-se para a Rainha das Fadas.

— Pode encontrá-los? — perguntou.

— Tentarei — respondeu ela, animada.

Então Noel voltou para o Vale do Riso, para trabalhar o máximo que podia, e um grupo de Fadas imediatamente voou até a montanha que fora assombrada pelos Awgwas e começou a procurar os brinquedos roubados. As Fadas, como bem sabemos, possuem poderes maravilhosos; mas os astutos Awgwas haviam escondido os brinquedos em uma caverna profunda e coberto a entrada com rochas, para que ninguém pudesse ver dentro. Por isso, toda busca pelos brinquedos perdidos foi em vão durante vários dias, e Noel, que permanecia em casa esperando notícias das Fadas, quase perdeu as esperanças de obter os brinquedos antes da véspera de Natal.

Ele trabalhava duro a cada instante, mas era preciso muito tempo para esculpir e moldar cada brinquedo e pintá-lo corretamente, de modo que, na manhã anterior à véspera de Natal, apenas metade de uma pequena prateleira acima da janela estava cheia de brinquedos prontos para as crianças.

Mas nessa manhã, as Fadas que procuravam nas montanhas tiveram uma nova ideia. Deram-se as mãos e avançaram em linha reta pelas rochas que formavam a montanha, começando do pico mais alto e descendo, de modo que nenhum ponto passasse despercebido por seus olhos brilhantes. E, por fim, descobriram a caverna onde os brinquedos haviam sido amontoados pelos perversos Awgwas.

Não demorou para que abrissem a entrada da caverna e, então, cada uma pegou o maior número de brinquedos

que conseguia carregar e todas voaram até Noel, depositando o tesouro diante dele.

O bom homem ficou radiante por receber, exatamente a tempo, tal estoque de brinquedos para carregar seu trenó, e enviou uma mensagem a Glossie e Flossie para que estivessem prontos ao anoitecer.

Mesmo com todo o trabalho, ele ainda arranjava tempo, desde a última viagem, para consertar o arreio e reforçar o trenó, de modo que, quando os cervos chegaram ao entardecer, ele não teve dificuldade para atrelá-los.

— Devemos ir em outra direção esta noite — disse ele —, onde encontraremos crianças que nunca visitei antes. E



precisamos viajar rápido e trabalhar com agilidade, pois meu saco está cheio de brinquedos até a borda!

Assim que a lua surgiu no céu, eles partiram do Vale Risonho e cruzaram a planície e as colinas ao sul. O ar estava cortante e gelado, e a luz das estrelas tocava os flocos de neve,

fazendo-os brilhar como incontáveis diamantes. Os veados saltavam com força e constância, e o coração de Noel estava tão leve e alegre que ele ria e cantava enquanto o vento assobiava ao seu redor:

Com um ho, ho, ho!

E um ha, ha, ha!

E um ho, ho! ha, ha, hi!

Lá vamos então

Pela imensidão,

Mais felizes do que já se viu por aí!

Jack Frost o ouviu e veio correndo com seus beliscões congelantes, mas ao ver que era Noel, apenas riu e virou-se, indo embora.

As corujas-mães o ouviram ao passar perto de uma floresta e espiaram pelas cavidades dos troncos; mas, ao verem quem era, sussurraram aos filhotes aninhados que era apenas o Papai Noel levando brinquedos às crianças.

É curioso o quanto essas corujas sabem das coisas.

Noel parou em algumas das fazendas espalhadas, desceu pelas chaminés e deixou presentes para os bebês. Pouco depois, chegou a uma vila e trabalhou alegremente por uma hora distribuindo brinquedos entre os pequenos adormecidos. Então, partiu novamente, entoando sua canção animada:

Lá vamos nós

Sobre a neve veloz,

Com os veados a correr e sorrir!

Pois a meninos e meninas

Levamos surpresas divinas

Que seus corações vão divertir!

Os veados gostavam do som da voz grave de Noel e marcavam o ritmo da canção com as patas no chão gelado; mas logo pararam diante de outra chaminé, e Papai Noel, com os olhos brilhando e o rosto avermelhado pelo vento, desceu pelas paredes enfumaçadas e deixou um presente para cada criança da casa.

Foi uma noite alegre e feliz. Os veados corriam velozes, e seu condutor trabalhava com afinco para espalhar os presentes entre as crianças adormecidas.

Mas por fim o saco estava vazio, e o trenó tomou o caminho de casa; e começou novamente a corrida contra o amanhecer. Glossie e Flossie não queriam ser repreendidos pela segunda vez por se atrasarem, então correram com tamanha velocidade que ultrapassaram a rajada de vento na qual o Rei do Gelo cavalgava, e logo trouxeram Noel de volta ao Vale Risonho.

É verdade que, quando Noel soltou os veados do arreio, o céu do leste já começava a se tingir de cinza, mas Glossie e Flossie já estavam nas profundezas da Floresta antes mesmo que o dia nascesse por completo.

Noel estava tão exausto com o trabalho da noite que jogou-se na cama e caiu em sono profundo — e enquanto dormia, o sol do Natal apareceu no céu e brilhou sobre centenas de lares felizes, onde o som das risadas infantis anunciava que Papai Noel havia feito uma visita.

Que Deus o abençoe! Foi sua primeira Véspera de Natal — e, por centenas de anos desde então, ele tem cumprido com nobreza sua missão de levar alegria aos corações das crianças.

Capítulo 18: Como as Primeiras Meias foram Penduradas nas Chaminés

Quando você se lembra de que nenhuma criança, até que Papai Noel começasse suas viagens, jamais conhecera o prazer de possuir um brinquedo, entenderá como a alegria invadiu os lares daqueles que foram agraciados com uma visita do bom velhinho, e como falavam dele dia após dia com ternura e sincera gratidão por suas ações generosas. É verdade que grandes guerreiros, reis poderosos e estudiosos brilhantes daquela época eram frequentemente comentados pelo povo; mas nenhum deles era tão amado quanto Papai Noel, pois nenhum outro era tão altruísta a ponto de se dedicar a fazer os outros felizes. Pois uma ação generosa vive mais que uma grande batalha, ou o decreto de um rei, ou o ensaio de um estudioso, pois ela se espalha, deixa sua marca na natureza e perdura por muitas gerações.

O acordo feito com o Príncipe Knook mudou os planos de Noel para todo o futuro; pois, podendo usar as renas apenas uma noite por ano, decidiu dedicar todos os outros dias à fabricação de brinquedos e, na véspera de Natal, levá-los às crianças do mundo.

Mas um ano inteiro de trabalho, ele sabia, resultaria em um acúmulo enorme de brinquedos, então decidiu construir um novo trenó que fosse maior, mais forte e melhor adaptado para viagens rápidas do que o velho e desajeitado.

Sua primeira ação foi visitar o Rei dos Gnomos, com quem fez um acordo: trocaria três tambores, uma corneta e duas bonecas por um par de finos patins de aço, lindamente curvados nas pontas. Pois o Rei dos Gnomos tinha filhos, que, vivendo nos buracos sob a

terra, em minas e cavernas, precisavam de algo para se entreter.

Em três dias, os patins de aço estavam prontos, e quando Noel trouxe os brinquedos ao Rei dos Gnomos, Sua Majestade ficou tão satisfeito que presenteou Noel com um cordão de sininhos de trenó de som suave, além dos patins.

— Estes vão agradar Glossie e Flossie — disse Noel, enquanto fazia os sinos tilintarem e ouvia seu som alegre. — Mas eu deveria ter dois cordões de sinos, um para cada rena.

— Traga-me outra corneta e um gato de brinquedo — respondeu o Rei — e você terá um segundo cordão de sinos igual ao primeiro.

— Está combinado! — exclamou Noel, e voltou para casa em busca dos brinquedos.

O novo trenó foi cuidadosamente construído, com os Knooks trazendo muitas tábuas fortes, porém finas, para a construção. Noel fez uma alta proteção frontal para impedir que a neve, lançada pelos cascos velozes das renas, entrasse no trenó; e fez laterais altas na plataforma para que muitos brinquedos pudessem ser carregados. Finalmente, montou o trenó sobre os delgados patins de aço feitos pelo Rei dos Gnomos.

Era, sem dúvida, um trenó bonito, grande e espaçoso. Noel o pintou com cores vivas, embora ninguém fosse vê-lo durante suas viagens à meia-noite, e, quando tudo estava pronto, mandou chamar Glossie e Flossie para verem.

As renas admiraram o trenó, mas disseram seriamente que ele era grande e pesado demais para que elas puxassem sozinhas.

— Podemos até puxá-lo sobre a neve, é verdade — disse Glossie — mas não o bastante rápido para que possamos visitar cidades e vilas distantes e retornar à Floresta antes do amanhecer.

— Então terei de adicionar mais duas renas à minha equipe — declarou Noel, após um momento de reflexão.

— O Príncipe Knook permitiu até dez. Por que não usar todas? — perguntou Flossie. — Assim poderíamos correr como relâmpagos e saltar até os telhados mais altos com facilidade.

— Uma equipe de dez renas! — exclamou Noel, encantado.

— Isso será esplêndido. Voltem à Floresta imediatamente e escolham outras oito renas mais parecidas com vocês. Todas devem comer da planta casa, para ficarem fortes; da planta grawle, para serem velozes; e da planta marbon, para viverem bastante e me acompanharem em minhas viagens. Também será bom que se banhem na Piscina de Nares, que a adorável Rainha Zurline afirma tornar qualquer um excepcionalmente belo. Se cumprirem essas tarefas com dedicação, não há dúvidas de que na próxima véspera de Natal minhas dez renas serão os mais poderosos e belos corcéis que o mundo já viu!

Então Glossie e Flossie partiram para a Floresta em busca de suas companheiras, e Noel começou a pensar na questão das rédeas para todas elas.

No fim, pediu ajuda a Pedro Knook, pois o coração de Pedro é tão gentil quanto seu corpo é torto, e ele é

extremamente astuto também. Pedro concordou em fornecer tiras de couro resistente para a arreios. Esse couro foi cortado das peles de leões que haviam atingido idade tão avançada que morreram naturalmente, e de um lado havia pelos dourados, enquanto o outro era curtido com a suavidade do veludo pelas mãos habilidosas dos Knooks. Quando Noel recebeu essas tiras de couro, costurou-as cuidadosamente em um arreio para as dez renas, e ele se provou forte, prático e durou muitos anos.

Os arreios e o trenó foram preparados aos poucos, pois Noel dedicava a maior parte dos seus dias à confecção de brinquedos. Estes estavam agora muito melhores do que os primeiros, pois os imortais frequentemente vinham à sua casa observar seu trabalho e oferecer sugestões. Foi ideia de Necile fazer com que algumas bonecas dissessem "papai" e "mamãe". Foi ideia dos Knooks colocar um chiado dentro dos cordeirinhos, de modo que, ao serem apertados, dissessem "bééé!". A Rainha das Fadas sugeriu a Noel que colocasse apitos nos pássaros, para que pudessem cantar, e rodas nos cavalos, para que as crianças os puxassem. Muitos animais morriam na Floresta, por um motivo ou outro, e suas peles eram levadas a Noel, para que ele cobrisse com elas as pequenas figuras de bichos que criava como brinquedos. Um alegre Ryl sugeriu que Noel fizesse um burrinho com cabeça que balançasse, o que ele fez, e descobriu depois que isso divertia imensamente os pequenos. E assim, os brinquedos cresciam em beleza e atratividade a cada dia, até que se tornaram motivo de admiração até mesmo entre os imortais.

Quando outra véspera de Natal se aproximou, havia uma carga imensa de lindos presentes prontos para ser carregada no grande trenó. Noel encheu três sacos até a borda e ainda lotou cada canto do compartimento do trenó com brinquedos.

Então, ao anoitecer, as dez renas apareceram, e Flossie apresentou todas a Noel. Eram Racer e Pacer, Reckless e Speckless, Fearless e Peerless, e Ready e Steady, que, junto com Glossie e Flossie, formavam o grupo que há centenas de anos percorre o mundo com seu generoso mestre. Todas eram extremamente belas, com membros esguios, galhadas imponentes, olhos escuros e suaves, e pelos cor de corça, salpicados de branco.

Noel as amou imediatamente, e desde então as ama, pois são amigas leais e lhe prestaram serviços inestimáveis.

O novo arreio serviu perfeitamente nelas e logo estavam todas presas ao trenó em pares, com Glossie e Flossie na dianteira. Estas usavam os cordões de sinos de trenó e estavam tão encantadas com a música que faziam, que ficavam troteando para fazer os sinos tocarem.

Noel agora se acomodou no trenó, puxou uma manta quente sobre os joelhos e o gorro de pele sobre as orelhas, e estalou seu longo chicote como sinal de partida.

Instantaneamente, as dez dispararam como o vento, enquanto o alegre Noel ria contente ao vê-las correr e cantava em voz alta e animada:

Com um ho, ho, ho!

E um ha, ha, ha!

E um ho, ho, ha, ha, hee!

Agora vamos nós

Sobre a neve veloz,
O mais felizes que se pode ser!
Temos tantas alegrias
Em nossos brinquedos e magias,
Que muitas crianças vão saber!
Vamos espalhar com vontade
Na nossa corrida de verdade
Pela neve brilhante a correr!
E foi nessa mesma véspera de Natal que a pequena Margot, seu irmão Dick e seus primos Ned e Sara — que estavam visitando a casa de Margot — voltaram de fazer um boneco de neve, com as roupas úmidas, as luvas pingando e os sapatos e meias completamente encharcados. Não foram repreendidos, pois a mãe de Margot sabia que a neve estava derretendo, mas foram mandados cedo para a cama, para que suas roupas pudessem secar nas cadeiras. Os sapatos foram colocados sobre os azulejos vermelhos da lareira, onde o calor das brasas os alcançaria, e as meias foram cuidadosamente penduradas em fila pela chaminé, logo acima da lareira. Foi por isso que Papai Noel as notou ao descer pela chaminé naquela noite, quando todos da casa já dormiam profundamente. Estava com muita pressa e, ao ver que todas as meias pertenciam a crianças, rapidamente encheu-as de brinquedos e subiu de novo pela chaminé,



aparecendo no telhado tão de repente que as renas ficaram surpresas com sua agilidade.

— Gostaria que todas as crianças pendurassem suas meias — pensou ele, enquanto se dirigia à próxima chaminé. — Isso me pouparia muito tempo e eu poderia visitar mais crianças antes do amanhecer.

Quando Margot, Dick, Ned e Sara pularam da cama na manhã seguinte e correram escada abaixo para pegar suas meias na lareira, ficaram maravilhados ao encontrar brinquedos deixados por Papai Noel dentro delas. Na verdade, acho que encontraram mais presentes do que qualquer outra criança daquela cidade recebeu, pois Papai Noel estava com pressa e não parou para contar os brinquedos.

É claro que contaram a todos os seus amiguinhos, e, claro, todos decidiram pendurar suas próprias meias na lareira na véspera do próximo Natal. Até mesmo Bessie Blithesome, que fez uma visita àquela cidade com seu pai, o grande Lorde de Lerd, ouviu a história das crianças e pendurou suas próprias meias bonitas na chaminé quando voltou para casa na época do Natal. Na viagem seguinte, Papai Noel encontrou tantas meias penduradas em antecipação à sua visita que pôde enchê-las num instante e partir novamente em metade do tempo que antes levava procurando pelas crianças e colocando os brinquedos ao lado de suas camas.

Esse costume cresceu ano após ano e sempre foi de grande ajuda para Papai Noel. E, com tantas crianças para visitar, ele certamente precisa de toda a ajuda que pudermos dar.

Capítulo 19: A Primeira Árvore de Natal

Noel sempre cumprira sua promessa aos Knooks de retornar ao Vale Encantado antes do amanhecer, mas só a rapidez de suas renas tornava isso possível, pois ele viajava por todo o mundo.

Ele amava seu trabalho, amava a corrida veloz noturna em seu trenó e o alegre tilintar dos guizos. Naquela primeira viagem com as dez renas, apenas Glossie e Flossie usavam guizos; mas, nos oito anos seguintes, Noel levou presentes às crianças do Rei dos Gnomos, e esse monarca bem-humorado lhe dava, a cada visita, um colar de guizos como agradecimento. Assim, ao final desse tempo, todas as dez renas estavam equipadas, e você pode imaginar a melodia alegre que os guizos tocavam enquanto o trenó deslizava pela neve.

As meias das crianças eram tão compridas que era preciso muitos brinquedos para enchê-las, e logo Noel descobriu que havia outras coisas, além de brinquedos, que as crianças adoravam. Então, enviou algumas das Fadas — que sempre foram suas grandes amigas — para os Trópicos, de onde voltaram com grandes sacos cheios de laranjas e bananas colhidas diretamente das árvores. Outras Fadas voaram até o maravilhoso Vale de Phunnyland, onde doces e bombons crescem abundantemente nos arbustos, e retornaram carregadas de caixinhas de guloseimas para os pequenos. Papai Noel, a cada Véspera de Natal, colocava essas frutas e doces junto com os brinquedos nas longas meias, e pode

apostar que as crianças ficavam muito felizes em recebê-los.

Existem também países quentes onde não neva no inverno, mas Noel e suas renas os visitavam do mesmo modo que os climas frios, pois havia pequenas rodas escondidas sob os patins do trenó, permitindo que ele deslizesse tão suavemente sobre o chão seco quanto sobre a neve. E as crianças desses lugares quentes também aprenderam a conhecer o nome de Papai Noel, assim como as que viviam mais perto do Vale Encantado. Certa vez, quando as renas estavam prontas para iniciar a viagem anual, uma Fada veio até Noel e contou-lhe sobre três criancinhas que viviam sob uma tenda rústica feita de peles, em uma vasta planície onde não havia nenhuma árvore. Esses pobres bebês eram tristes e infelizes, pois seus pais, pessoas ignorantes, os negligenciavam cruelmente. Noel decidiu visitar essas crianças antes de retornar para casa e, durante o trajeto, encontrou o topo de um pinheiro que o vento havia quebrado. Ele o recolheu e o colocou no trenó. Já era quase manhã quando as renas pararam diante da solitária tenda de peles, onde as crianças dormiam. Noel imediatamente plantou o pequeno pinheiro na areia e prendeu várias velas nos galhos. Depois, pendurou alguns dos brinquedos mais bonitos que levava, além de saquinhos de doces. Não demorou muito, pois Papai Noel trabalha depressa, e quando tudo estava pronto ele acendeu as velas e, colocando a cabeça na entrada da tenda, gritou:
— Feliz Natal, pequeninos!

E num pulo entrou no trenó e desapareceu de vista antes que as crianças, esfregando o sono dos olhos, conseguissem sair para ver quem as chamara.

Você pode imaginar o espanto e a alegria daquelas criancinhas — que nunca antes haviam conhecido uma verdadeira felicidade — ao verem a árvore, brilhando com luzes que cintilavam no alvorecer e cheia de brinquedos suficientes para alegrá-las por muitos anos! Elas deram as mãos e dançaram ao redor da árvore, gritando e rindo, até que precisaram parar para respirar. Seus pais também saíram para ver, maravilhados, e, depois disso, passaram a tratar seus filhos com mais respeito e consideração, já que Papai Noel os havia honrado com presentes tão lindos.



A ideia da árvore de Natal agradou muito Noel e, no ano seguinte, ele carregou várias delas em seu trenó e as montou nas casas de famílias pobres que raramente viam árvores, decorando os galhos com velas e brinquedos. Claro que ele não podia carregar árvores suficientes para todos os que as desejavam, mas em

algumas casas os próprios pais conseguiam arranjar as árvores e deixá-las prontas para a chegada de Papai Noel. E essas ele sempre decorava da forma mais bonita possível, pendurando brinquedos suficientes para todas as crianças que vinham ver a árvore iluminada.

Essas ideias tão criativas e a maneira generosa como eram colocadas em prática fizeram com que as crianças esperassem ansiosamente aquela única noite do ano em que seu amigo Papai Noel as visitaria. E como a expectativa por algo bom é sempre agradável e reconfortante, os pequenos tiravam grande alegria apenas imaginando o que aconteceria quando Papai Noel chegasse novamente.

Você talvez se lembre daquele severo Barão Braun, que certa vez expulsou Noel de seu castelo e o proibiu de visitar seus filhos. Pois bem, muitos anos depois, quando o velho barão já havia falecido e seu filho assumira o lugar, o novo Barão Braun foi até a casa de Noel com uma comitiva de cavaleiros, pajens e criados. Ao desmontar de seu cavalo, tirou humildemente o capacete diante do amigo das crianças.

— Meu pai não conhecia sua bondade e seu valor — disse ele. — Por isso ameaçou enforcá-lo nas muralhas do castelo. Mas eu tenho filhos, e eles sonham com uma visita do Papai Noel. Vim pedir que os presenteie, assim como faz com as outras crianças.

Noel ficou contente com aquele gesto, pois o Castelo Braun era o único lugar que ele nunca havia visitado. Assim, prometeu com alegria levar presentes às crianças do barão na próxima Véspera de Natal.

O barão foi embora satisfeito, e Noel cumpriu sua promessa fielmente.

E foi assim que esse homem, com sua imensa bondade, conquistou os corações de todos. Não é de se estranhar que ele estivesse sempre alegre e sorridente, pois não

havia lar em todo o vasto mundo onde não fosse recebido com mais honra do que qualquer rei.

Capítulo 20: O Manto da Imortalidade

E agora chegamos a um ponto de virada na trajetória do Papai Noel, e é meu dever contar o acontecimento mais extraordinário desde que o mundo começou ou que a humanidade foi criada.

Acompanhamos a vida de Noel desde o momento em que foi encontrado, ainda um bebê indefeso, pela ninfa da floresta Necile, e criado até a idade adulta na grande Floresta de Burzee. E sabemos como ele começou a fazer brinquedos para as crianças e como, com a ajuda e a boa vontade dos imortais, conseguiu distribuí-los aos pequenos ao redor do mundo.

Durante muitos anos, ele continuou esse trabalho nobre; pois a vida simples e laboriosa que levava lhe dava perfeita saúde e força. Sem dúvida, um homem pode viver muito mais no belo Vale Risonho, onde não há preocupações e tudo é paz e alegria, do que em qualquer outro lugar do mundo.

Mas, com o passar dos anos, Papai Noel envelheceu. A longa barba castanho-dourada que um dia cobria suas bochechas e seu queixo foi aos poucos ficando grisalha, até tornar-se completamente branca. Seus cabelos também ficaram brancos, e rugas se formaram nos cantos dos olhos, visíveis principalmente quando ele sorria. Ele nunca fora um homem muito alto, e agora

estava mais gordinho, andando com um jeitinho que lembrava o de um pato. Mas, apesar disso, continuava tão animado quanto antes, tão alegre e cheio de vida, e seus olhos bondosos brilhavam tanto quanto no primeiro dia em que chegou ao Vale Risonho.

Contudo, chega um momento para todo mortal que envelheceu e viveu sua vida em que é preciso deixar este mundo e seguir para outro. Assim, não foi surpresa quando, após tantas vésperas de Natal puxando o trenó, as fiéis renas começaram a sussurrar entre si que talvez aquela tivesse sido sua última viagem com Noel.

Então toda a Floresta de Burzee ficou triste, e o Vale



Risonho silenciou; pois tudo o que havia conhecido Noel o amava, e se alegrava ao ouvir seus passos ou o som alegre do seu assobio.

Sem dúvida, a força do velho havia chegado ao fim, pois ele não fazia mais brinquedos e permanecia deitado em sua cama, como se estivesse sonhando.

A ninfa Necile, aquela que o criara e fora sua mãe adotiva, permanecia jovem, forte e bela — e parecia a ela que havia passado apenas um breve instante desde que aquele homem de barba grisalha estivera em seus braços, sorrindo para ela com lábios inocentes de bebê. E é nisso que se mostra a diferença entre os mortais e os imortais.

Felizmente, o grande Ak veio à Floresta nesse momento. Necile o procurou com os olhos preocupados e contou-lhe sobre o destino que ameaçava seu amigo Noel. Imediatamente, o Mestre ficou grave, apoiou-se em seu machado e acariciou sua barba grisalha pensativamente por muitos minutos. Então, de repente, ele se ergueu, endireitou sua cabeça poderosa com firme resolução e estendeu o grande braço direito como se determinado a realizar algum grande feito. Pois um pensamento lhe havia ocorrido tão grandioso em sua concepção que todo o mundo bem poderia se curvar diante do Mestre Lenhador e honrar seu nome para sempre!

É bem sabido que, quando o grande Ak decide fazer algo, ele nunca hesita um instante. Agora, ele chamou seus mensageiros mais rápidos e os enviou em um flash para muitas partes da terra. E, quando partiram, ele se virou para a ansiosa Necile e a confortou, dizendo: — Tenha bom ânimo, minha filha; nosso amigo ainda vive. Agora corra até sua Rainha e diga-lhe que convoque um conselho de todos os imortais do mundo para se reunir comigo aqui em Burzee esta noite. Se eles obedecerem e ouvirem minhas palavras, Noel conduzirá suas renas por incontáveis gerações que ainda virão.

À meia-noite, houve uma cena maravilhosa na antiga Floresta de Burzee, onde pela primeira vez em muitos séculos os governantes dos imortais que habitam a terra estavam reunidos.

Estava lá a Rainha dos Espíritos das Águas, cuja forma bela era tão clara quanto cristal, mas que continuamente pingava água na margem de musgo onde se sentava. E ao lado dela estava o Rei dos Fadas do Sono, que

carregava uma varinha do qual caía uma fina poeira ao redor, de modo que nenhum mortal conseguia ficar acordado tempo suficiente para vê-lo, pois os olhos mortais se fechavam em sono assim que a poeira os preenchia. E ao lado dele estava o Rei dos Gnomos, cujos povos habitam toda aquela região sob a superfície da terra, onde guardam os metais preciosos e as pedras preciosas que estão enterradas em rochas e minérios. À sua direita estava o Rei dos Imps do Som, que tinha asas nos pés, pois seu povo é rápido em carregar todos os sons que são feitos. Quando estão ocupados, carregam os sons por curtas distâncias, pois há muitos deles; mas às vezes eles viajam com os sons para lugares distantes, a quilômetros de onde foram feitos. O Rei dos Imps do Som tinha uma expressão ansiosa e cansada, pois a maioria das pessoas não tem consideração pelos seus Imps e, especialmente as crianças, fazem muitos sons desnecessários que os Imps são obrigados a carregar quando poderiam estar melhor empregados.

O próximo na roda de imortais era o Rei dos Demônios do Vento, esguio de corpo, inquieto e incomodado por estar confinado a um único lugar por sequer uma hora. De vez em quando, ele se levantava de seu lugar e circulava ao redor da clareira, e cada vez que o fazia, a Rainha das Fadas era obrigada a desembaraçar os cachos dourados de seu cabelo e a colocá-los atrás de suas orelhas rosadas. Mas ela não reclamava, pois não era comum que o Rei dos Demônios do Vento entrasse no coração da Floresta. Após a Rainha das Fadas, cuja casa vocês sabem que era em Burzee, veio o Rei dos Elfos da Luz, com seus dois Príncipes, Flash e Twilight, atrás de si.

Ele nunca ia a lugar algum sem seus Príncipes, pois eram tão travessos que ele não ousava deixá-los vagar sozinhos.

O Príncipe Flash segurava um raio com a mão direita e um chifre de pólvora com a mão esquerda, e seus olhos brilhantes passavam o tempo todo à procura de algo para usar seus flashes cegantes. O Príncipe Twilight segurava um grande abafador em uma mão e um manto preto na outra, e é bem sabido que, a menos que Twilight seja cuidadosamente vigiado, o abafador ou o manto colocarão tudo na escuridão, e a Escuridão é o maior inimigo do Rei dos Elfos da Luz.

Além dos imortais que mencionei, estavam o Rei dos Knooks, que viera de sua casa nas selvas da Índia; e o Rei dos Ryls, que vivia entre as flores coloridas e os frutos saborosos de Valência. A doce Rainha Zurline das Ninfas da Floresta completou o círculo dos imortais. Mas, no centro do círculo, estavam três outros que possuíam poderes tão grandes que todos os Reis e Rainhas lhes mostravam reverência.

Esses eram Ak, o Mestre Lenhador do Mundo, que governa as florestas, os pomares e os bosques; e Kern, o Mestre Lavrador do Mundo, que governa os campos de grãos, os prados e os jardins; e Bo, o Mestre Marinheiro do Mundo, que governa os mares e todas as embarcações que sobre eles flutuam. E todos os outros imortais são mais ou menos sujeitos a esses três.

Quando todos se reuniram, o Mestre Lenhador do Mundo se levantou para lhes falar, pois ele mesmo os havia convocado para o conselho.

Muito claramente, ele lhes contou a história de Noel, começando na época em que, ainda bebê, ele foi adotado como filho da Floresta, e contando sobre sua natureza nobre e generosa e suas longas labutas para fazer as crianças felizes.

— E agora — disse Ak — quando ele havia conquistado o amor de todo o mundo, o Espírito da Morte está pairando sobre ele. De todos os homens que habitaram a terra, nenhum outro merece tanto a imortalidade, pois tal vida não pode ser poupada enquanto houver crianças humanas que sintam sua falta e chorem por sua perda. Nós, imortais, somos os servos do mundo, e para servir ao mundo fomos permitidos a existir desde o Começo. Mas quem entre nós é mais digno de imortalidade do que este homem Noel, que tão docemente ministra as crianças pequenas?

Ele fez uma pausa e olhou ao redor do círculo, vendo todos os imortais ouvindo-o ansiosamente e assentindo com aprovação. Finalmente, o Rei dos Demônios do Vento, que estava assobiando suavemente para si mesmo, exclamou:

— O que você deseja, ó Ak?

— Conceder a Noel o Manto da Imortalidade! — disse Ak, com ousadia.

O fato de esse pedido ser totalmente inesperado foi comprovado quando os imortais se levantaram rapidamente e se olharam com desânimo e depois para Ak com surpresa. Pois tratava-se de uma questão grave, a de ceder o Manto da Imortalidade.

A Rainha dos Espíritos das Águas falou com sua voz baixa e clara, e suas palavras soaram como gotas de chuva batendo contra uma janela.

— No mundo inteiro, existe apenas um Manto da Imortalidade — disse ela.

O Rei dos Fadas do Som acrescentou:

— Ele existe desde o Começo, e nenhum mortal jamais ousou reivindicá-lo.

E o Mestre Marinheiro do Mundo se levantou e esticou seus membros, dizendo:

— Só com o voto de cada imortal é que ele pode ser concedido a um mortal.

— Eu sei de tudo isso — respondeu Ak, calmamente. — Mas o Manto existe, e se foi criado, como vocês dizem, no Começo, foi porque o Mestre Supremo sabia que algum dia ele seria necessário. Até agora, nenhum mortal o mereceu, mas quem entre vocês ousa negar que o bom Noel merece? Não votarão todos vocês para concedê-lo a ele?

Eles ficaram em silêncio, ainda se olhando uns aos outros com incerteza.

— De que serve o Manto da Imortalidade, a menos que seja usado? — questionou Ak. — O que vai adiantar para algum de nós deixá-lo em seu santuário solitário para todo o sempre?

— Chega! — exclamou o Rei dos Gnomos, abruptamente.

— Vamos votar sobre o assunto, sim ou não. Por minha parte, digo sim!

— E eu! — disse a Rainha das Fadas, prontamente, e Ak a recompensou com um sorriso.

— Meu povo em Burzee me disse que aprendeu a amá-lo; portanto, voto para dar a Noel o Manto — disse o Rei dos Ryls.

— Ele já é um companheiro dos Knooks — anunciou o antigo Rei daquela tribo. — Deixe que ele tenha a imortalidade!

— Deixe que ele tenha, deixe que ele tenha! — suspirou o Rei dos Demônios do Vento.

— Por que não? — perguntou o Rei das Fadas do Sono. — Ele nunca perturba o sono que meu povo concede à humanidade. Deixe o bom Noel ser imortal!

— Eu não me oponho — disse o Rei dos Imps do Som.

— Nem eu — murmurou a Rainha dos Espíritos das Águas.

— Se Noel não receber o Manto, é claro que nenhum outro jamais poderá reclamá-lo — observou o Rei dos Elfos da Luz. — Então, vamos resolver isso de uma vez por todas.

— As Ninfas da Floresta foram as primeiras a adotá-lo — disse a Rainha Zurline. — Claro que vou votar para torná-lo imortal.

Ak então se voltou para o Mestre Lavrador do Mundo, que ergueu o braço direito e disse: “Sim!”

E o Mestre Marinheiro do Mundo fez o mesmo, depois do que Ak, com os olhos brilhando e o rosto sorridente, exclamou:

— Agradeço a vocês, companheiros imortais! Pois todos votaram “sim”, e assim, ao nosso querido Noel, será concedido o único Manto da Imortalidade que podemos dar!

— Vamos buscá-lo imediatamente — disse o Rei dos Fadas.
— Estou com pressa.

Eles inclinaram a cabeça em assentimento, e instantaneamente a clareira da Floresta ficou vazia. Mas em um lugar entre a terra e o céu, estava suspensa uma cripta reluzente de ouro e platina, iluminada por suaves luzes provenientes dos facetados de inúmeras pedras preciosas. Dentro de uma alta cúpula estava o precioso Manto da Imortalidade, e cada imortal colocou a mão na bainha do esplêndido Manto e disse, em uma só voz:
— Concedemos este Manto a Noel, que é chamado de Patrono das Crianças!

Com isso, o Manto se afastou de sua cripta elevada, e o levaram até a casa no Vale Risonho.

O Espírito da Morte estava agachado bem perto da cama de Noel, e quando os imortais se aproximaram, ele saltou e fez um gesto zangado, pedindo que se afastassem. Mas, quando seus olhos caíram sobre o Manto que traziam, ele se afastou com um baixo gemido de decepção e deixou a casa para sempre.

Suavemente e silenciosamente, o bando imortal depositou sobre Noel o precioso Manto, e ele se fechou ao redor dele, entrando nos contornos de seu corpo e desaparecendo de vista. Tornou-se parte de seu ser, e nem mortal nem imortal poderia jamais tirá-lo dele. Então, os Reis e Rainhas que haviam realizado tal grande feito se dispersaram para suas diversas casas, todos contentes por terem adicionado mais um imortal ao seu bando.

E Noel dormiu, o sangue vermelho da vida eterna correndo rapidamente por suas veias; e em sua testa

havia uma pequena gota de água que caíra do sempre derretente vestido da Rainha dos Espíritos das Águas, e sobre seus lábios pairava um beijo terno que havia sido deixado pela doce Ninfa Necile. Pois ela havia se furtado para, quando os outros se foram, olhar com encantamento para a forma imortal de seu filho adotivo.

Capítulo 21: Quando o Mundo Envelheceu

Na manhã seguinte, quando Papai Noel abriu os olhos e olhou ao redor do quarto familiar — o qual temera nunca mais ver —, ficou surpreso ao perceber que sua antiga força havia retornado e que o sangue vermelho da perfeita saúde corria novamente por suas veias. Ele saltou da cama e ficou de pé onde a luz brilhante do sol entrava pela janela e o inundava com seus raios alegres e dançantes. Naquele momento, ele ainda não compreendia o que havia acontecido para restaurar o vigor da juventude, mas, apesar de sua barba continuar da cor da neve e de as rugas ainda permanecerem nos cantos de seus olhos brilhantes, o velho Papai Noel sentia-se tão ágil e alegre quanto um garoto de dezesseis anos, e logo estava assobiando contente enquanto se ocupava em fabricar novos brinquedos. Então Ak veio até ele e contou sobre o Manto da Imortalidade e como Noel o havia conquistado por seu amor pelas crianças.

Isso fez com que o velho Papai Noel ficasse sério por um momento ao pensar que havia sido tão privilegiado; mas também o deixou feliz ao perceber que agora jamais precisaria temer ser separado de seus entes queridos. Imediatamente, começou os preparativos para fabricar uma notável variedade de brinquedos bonitos e divertidos, e em quantidades maiores do que nunca; pois agora que poderia dedicar-se sempre a esse trabalho, decidiu que nenhuma criança no mundo, rica ou pobre, deveria ficar sem um presente de Natal, se ele pudesse evitar isso.

O mundo era novo nos tempos em que o querido e velho Papai Noel começou a fabricar brinquedos e conquistou, por seus atos amorosos, o Manto da Imortalidade. E a tarefa de fornecer palavras encorajadoras, simpatia e brinquedos bonitos a todas as crianças de sua raça não parecia nada difícil. Mas a cada ano nasciam mais e mais crianças no mundo, e essas, ao crescerem, começaram a se espalhar lentamente por toda a face da Terra, buscando novos lares; de modo que Papai Noel descobria a cada ano que suas jornadas precisavam ir cada vez mais longe do Vale Risonho, e que os sacos de brinquedos precisavam ser feitos cada vez maiores.

Então, por fim, ele consultou seus companheiros imortais sobre como seu trabalho poderia acompanhar o número crescente de crianças, para que nenhuma fosse negligenciada. E os imortais ficaram tão interessados em suas tarefas que alegremente lhe ofereceram ajuda. Ak deu-lhe seu homem Kilter, "o silencioso e veloz". E o Príncipe dos Knooks deu-lhe Pedro, que era mais torto e menos rabugento que qualquer de seus irmãos. E o

Príncipe dos Ryls deu-lhe Nuter, o Ryl de temperamento mais doce já conhecido. E a Rainha das Fadas deu-lhe Wisk, aquela fada minúscula, travessa mas adorável, que hoje conhece quase tantas crianças quanto o próprio Papai Noel.

Com essas pessoas para ajudar a fabricar os brinquedos, cuidar da casa, zelar pelo trenó e pelas rédeas, Papai Noel achou muito mais fácil preparar sua carga anual de presentes, e seus dias começaram a passar de forma tranquila e agradável.

No entanto, após algumas gerações, suas preocupações retornaram, pois era impressionante como a população continuava a crescer e como, a cada ano, havia ainda mais crianças a serem atendidas. Quando as pessoas ocuparam todas as cidades e terras de um país, migraram para outras partes do mundo; e os homens derrubaram as árvores de muitas das grandes florestas que haviam sido governadas por Ak, e com a madeira construíram novas cidades, e onde antes havia florestas agora havia campos de grãos e rebanhos de gado pastando.

Você poderia pensar que o Mestre das Florestas se revoltaria com a perda de suas árvores; mas não foi assim. A sabedoria de Ak era poderosa e visionária. — O mundo foi feito para os homens — disse ele a Papai Noel —, e eu apenas guardei as florestas até que os



homens precisassem delas para seu uso. Fico feliz que minhas árvores fortes possam oferecer abrigo aos corpos frágeis dos homens e aquecê-los durante os frios invernos. Mas espero que não derrubem todas as árvores, pois a humanidade precisa da sombra das florestas no verão tanto quanto do calor das lenhas em brasa no inverno. E, por mais que o mundo fique lotado, não creio que os homens jamais cheguem a Burzee, nem à Grande Floresta Negra, nem à mata selvagem de Braz; a menos que busquem suas sombras por prazer, e não para destruir suas árvores gigantes.

Com o tempo, as pessoas fizeram navios com os troncos das árvores, cruzaram oceanos e construíram cidades em terras distantes; mas os oceanos pouco influenciaram as viagens de Papai Noel. Seus renas corriam sobre as águas tão velozmente quanto sobre a terra, e seu trenó seguia de leste a oeste, acompanhando o rastro do sol. Assim, conforme a Terra girava lentamente, Papai Noel dispunha de todas as vinte e quatro horas para dar a volta ao mundo em cada véspera de Natal, e as renas velozes apreciavam cada vez mais essas jornadas maravilhosas.

E assim, ano após ano, geração após geração, século após século, o mundo envelheceu, as pessoas se multiplicaram e os trabalhos de Papai Noel aumentaram cada vez mais. A fama de suas boas ações se espalhou por todos os lares onde havia crianças. E todas as criancinhas o amavam com ternura; e os pais e mães o honravam pela felicidade que ele lhes havia dado quando também eram pequenos; e os avós e avós lembravam-se dele com gratidão e bênçãos sinceras.

Capítulo 22: Os Representantes do Papai Noel

No entanto, havia um mal que seguia o rastro da civilização e que causou ao Papai Noel uma imensa quantidade de problemas, até que ele descobriu uma forma de superá-lo. Mas, felizmente, foi a última provação que teve de enfrentar.

Numa véspera de Natal, quando suas renas haviam saltado sobre o telhado de um prédio novo, Papai Noel ficou surpreso ao notar que a chaminé havia sido construída muito menor do que o habitual. Mas não havia tempo para pensar naquilo naquele momento, então ele encheu os pulmões de ar, fez-se o menor possível e escorregou pela chaminé.

— Já devia ter chegado ao fundo — pensou ele, enquanto descia cada vez mais; mas nenhuma lareira apareceu em seu caminho e, passado algum tempo, ele alcançou o fim da chaminé — que dava direto na adega.

— Isto é estranho! — refletiu, bastante intrigado com a situação. — Se não há lareira, para que serve, então, esta chaminé?

Então começou a subir de volta, o que foi um esforço e tanto — o espaço era apertado demais. No caminho, notou um cano fino e redondo atravessando a lateral da chaminé, mas não conseguiu imaginar sua função.

Por fim, chegou ao telhado e disse às renas:

— Não havia razão para eu descer por aquela chaminé, pois não encontrei lareira por onde pudesse entrar na

casa. Temo que as crianças que ali moram ficarão sem brinquedos neste Natal.

E seguiu adiante, mas logo chegou a outra casa nova, com uma chaminé igualmente estreita. Papai Noel sacudiu a cabeça, desconfiado, mas resolveu tentar assim mesmo — e descobriu que era exatamente como a outra. Além disso, quase ficou entalado no duto apertado e rasgou sua jaqueta tentando sair. Assim, embora tenha encontrado várias chaminés daquele tipo naquela noite, não ousou mais descer por nenhuma delas.

— Em que mundo essas pessoas estão com a cabeça, construindo chaminés tão inúteis? — exclamou. — Em todos os anos que viajei com minhas renas, nunca vi coisa parecida!

E, de fato, Papai Noel ainda não sabia que os fogões haviam sido inventados e estavam se espalhando depressa. Quando descobriu, ficou perplexo — como os construtores podiam ter tão pouca consideração por ele, sabendo perfeitamente que sua maneira de entrar nas casas era pelas chaminés e lareiras? Talvez aqueles homens tivessem perdido o gosto por brinquedos e estivessem pouco ligando para a visita do bom velhinho aos seus filhos. Seja qual fosse o motivo, as pobres crianças acabavam sofrendo com tristeza e decepção. No ano seguinte, Papai Noel encontrou ainda mais chaminés novas, daquelas sem lareira — e no ano seguinte, mais ainda. No terceiro ano, tornaram-se tão numerosas que ele até ficou com brinquedos sobrando no trenó, pois não conseguiu entregá-los a todas as crianças.

A situação tornou-se tão grave que preocupou o bom velhinho profundamente, e ele decidiu conversar a respeito com Kilter, Pedro, Nuter e Wisk.

Kilter já sabia um pouco do problema, pois era sua função correr por todas as casas antes do Natal e recolher as cartas das crianças para Papai Noel, com seus pedidos para as meias e para as árvores. Mas Kilter era um sujeito calado, que raramente falava sobre o que via nas cidades e vilas. Os outros, contudo, ficaram indignados.

— Essas pessoas agem como se não quisessem que seus filhos sejam felizes! — disse o sensato Pedro, em tom aborrecido. — Imagine! Impedir um amigo tão generoso de visitar os pequenos!

— Mas é minha intenção fazer as crianças felizes, queiram seus pais ou não — respondeu Papai Noel. — Anos atrás, quando comecei a fazer brinquedos, as crianças eram ainda mais negligenciadas do que agora; por isso aprendi a não dar atenção a pais descuidados ou egoístas, mas a considerar apenas os anseios da infância.

— Tens razão, meu mestre — disse Nuter, o Ryl. — Muitas crianças ficariam sem um amigo, se não fosse por ti e pelo teu esforço em fazê-las felizes.

— Então — declarou o risonho Wisk — devemos abandonar a ideia de usar essas chaminés modernas e agir como ladrõezinhos, entrando nas casas de outro jeito!

— E de que jeito seria esse? — perguntou Papai Noel.

— Ora, paredes de tijolo, madeira ou reboco não significam nada para os Seres Encantados. Eu consigo

atravessá-las quando quiser — e Pedro, Nuter e Kilter também. Não é verdade, companheiros?

— Muitas vezes atravesso as paredes para recolher as cartas — disse Kilter, e isso já era um discurso longo vindo dele, o que surpreendeu tanto Pedro quanto Nuter, que seus olhos redondos quase saltaram das órbitas.

— Sendo assim — continuou a Fada —, melhor será nos levares contigo na próxima viagem. Quando encontrarmos uma daquelas casas com fogões em vez de lareiras, distribuiremos os brinquedos para as crianças sem precisar usar a chaminé.

— Parece-me um bom plano — respondeu Papai Noel, contente por ter resolvido o problema. — Vamos testá-lo no próximo Natal.

E foi assim que a Fada, o Duende, o Ryl e o Knook passaram a viajar junto com seu mestre na Véspera de Natal; e não tiveram dificuldade alguma em entrar nas casas modernas e deixar os presentes para as crianças que ali viviam.

Suas habilidades delicadas não apenas aliviaram Papai Noel de muito trabalho, como também permitiram que ele terminasse tudo mais cedo do que o habitual — tanto que o alegre grupo chegou em casa com o trenó vazio uma hora antes do amanhecer.

A única desvantagem da jornada foi que o travesso Wisk insistia em fazer cócegas nas renas com uma pena comprida, só para vê-las pularem — e Papai Noel teve de vigiá-lo o tempo todo e puxar-lhe as longas orelhas uma ou duas vezes para fazê-lo comportar-se.

Mas, no geral, a viagem foi um grande sucesso — e até hoje os quatro pequenos companheiros acompanham

Papai Noel em sua jornada anual, ajudando-o a distribuir os presentes.

A indiferença dos pais, que tanto incomodara o bom velhinho, não durou muito, e logo Papai Noel percebeu que eles estavam, de fato, ansiosos por sua visita na véspera de Natal e desejavam que ele deixasse presentes para seus filhos.

Por isso, para aliviar um pouco sua tarefa — que se tornava a cada ano mais difícil — o velho Papai Noel decidiu pedir ajuda aos próprios pais.



— Preparem suas árvores de Natal para a minha chegada — dizia ele aos pais —, assim poderei deixar os presentes sem perder tempo, e vocês poderão colocá-los nos galhos quando eu me for.

E a outros ele dizia:

— Certifiquem-se de que as meias das crianças estejam penduradas, prontas para a minha visita, e então poderei enchê-las num piscar de olhos.

Muitas vezes, quando os pais eram gentis e bem-humorados, Papai Noel apenas jogava o pacote com os presentes dentro da casa e deixava que os próprios pais e mães preenchessem as meias depois que ele partia veloz em seu trenó.

— Farei de todos os pais amorosos meus ajudantes! — exclamava o alegre velhinho. — Eles me ajudarão em

minha tarefa. Dessa forma, ganharei muitos minutos preciosos e poucas crianças serão esquecidas por falta de tempo para visitá-las.

Além de carregar os grandes sacos em seu trenó veloz, Papai Noel passou a enviar montes de brinquedos para as lojas, de modo que, se os pais quisessem adquirir mais presentes para seus filhos, pudessem fazê-lo com facilidade. E, se por acaso alguma criança fosse esquecida durante sua jornada anual, poderia encontrar na loja brinquedos suficientes para deixá-la feliz e satisfeita. Pois o amigo amoroso dos pequenos decidiu que nenhuma criança, se pudesse evitar, ficaria desejando brinquedos em vão.

As lojas de brinquedo também passaram a ser muito úteis sempre que alguma criança adoecia e precisava de um novo brinquedo para se distrair. E, às vezes, nos aniversários, os pais iam até essas lojas para escolher presentes bonitos e celebrar a data especial.

Talvez agora você entenda como, mesmo com a imensidão do mundo, Papai Noel consegue presentear todas as crianças com mimos encantadores. É verdade que hoje em dia quase não se vê o bom velhinho — mas isso não é porque ele deseja se esconder, garanto-lhe. Papai Noel continua sendo o mesmo amigo carinhoso da infância, aquele que nos tempos antigos brincava e se divertia por horas com os pequenos; e eu sei que ele adoraria fazer o mesmo agora, se ainda tivesse tempo. Mas veja bem: ele passa o ano inteiro ocupado fabricando brinquedos, e está tão apressado naquela única noite em que visita nossos lares, que chega e parte como um raio — quase impossível de se ver.

E embora hoje existam milhões e milhões de crianças a mais do que havia antigamente, jamais se ouviu Papai Noel reclamar do aumento em seu público.

— Quanto mais, melhor! — ele exclama, com sua risada alegre. E a única diferença para ele é que seus pequenos ajudantes precisam fazer os dedinhos trabalharem ainda mais depressa, ano após ano, para dar conta de tantos pedidos.

— Em todo este mundo, não há nada mais bonito do que uma criança feliz — diz o bondoso Papai Noel. E, se dependesse dele, todas seriam lindas, pois todas seriam felizes.